



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS- III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS PEREIRA

**“ADMIRÁVEL CORPO NOVO”: DISCURSOS SOBRE O CORPO ENVELHECIDO
NO JORNAL DO BRASIL (1970-1974)**

**GUARABIRA, PB
2018**

ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS PEREIRA

**“ADMIRÁVEL CORPO NOVO”: DISCURSOS SOBRE O CORPO ENVELHECIDO
NO JORNAL DO BRASIL (1970-1974)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joedna Reis de Meneses

GUARABIRA, PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436a Pereira, Antônio Carlos dos Santos.
"Admirável corpo novo" [manuscrito] : discursos sobre o corpo envelhecido no Jornal do Brasil (1970-1974) / Antonio Carlos dos Santos Pereira. - 2018.
61 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses, Coordenação do Curso de História - CH."
1. Corpo envelhecido. 2. Discurso e Poder. 3. História do Corpo. 4. Etarismo.

21. ed. CDD 305.26

ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS PEREIRA

"ADMIRÁVEL CORPO NOVO": DISCURSOS SOBRE O CORPO ENVELHECIDO
NO JORNAL DO BRASIL (1970-1974)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Joedna Reis de Meneses
Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cibelle Jovem Leal
Profa. Me. Cibelle Jovem Leal
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Edna Maria Nóbrega Araújo
Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao ilustre Professor Ruston Lemos, memorável
como profissional, imortal como ser humano,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao acaso, porque sempre quando acreditei não existir mais nada, ele me trouxe a algo mais.

À Danilo Fernandes, anjo da minha vida, companheiro nas horas difíceis, e refugio para meu espírito.

À professora, orientadora e amiga, Joedna Reis, que sempre me entusiasmou na busca de (re)construir-me quantas vezes for preciso.

À Professora e amiga, Edna Maria, por seus conselhos, puxões de orelha e ensinamentos, sempre tão construtivos e animadores.

À professora Elisa Mariana, por ter me incentivado sempre a seguir o caminho da busca e construção de conhecimentos, sem perder a arte de auto questionar em relação ao “outro”.

Ao professor Waldeci Ferreira, por suas histórias sábias que inspiram para a vida.

À Flawyo Moura, por seu apoio e companheirismo.

À Cibelle Jovem, por sua “lealdade” e afeto, que me acolhe e me cativa a cada sorriso.

À Bruna Michelle e Amanda pela amizade e ousadia.

À André Espínola, Amélia Jessielly, Cláudia Daniela e demais colegas que me acompanharam e me alegam sempre no caminho de ida e volta no ônibus.

Às professoras, Anna Gicele e Roberta Enir, que mesmo distante, me incentivaram, me inspiraram e me ensinaram a seguir confiante, questionador e LUTAR SEM TEMER.

À Mateus Ítalo, que em nome, saúdo a todas e a todos que se empreenderam na luta por uma UEPB justa, transparente e melhor para todos. #ResisteUEPB.

À Paulinha, Diego e Lutécia, em nome dos quais saúdo, a todos os Professores e professoras, que compõe o Departamento de História do Campus-III, por sempre me recepcionar e me dirigir com carinho, dedicação e atenção garantindo um curso tranquilo, proveitoso e sem maiores transtornos.

Às/aos minhas/meu colegas Lucicleide, Dayane, Vanesa, Layse, Sandra, Alécia, Waniele, Wandilma, Janielson, Diogo, Alex Cavalcante, Alexandre Araújo, Laiton, Júlio César Miguel, Júlio César, Débora Dantas e demais que conviveram comigo ao longo desses cinco anos, por me alegrar as noites quando o fardo nos pesa os ombros.

À Josué Guimarães, por sua amizade e carinho.

À minha mãe Ozana, ao meu pai Damião Pedro e, às minhas irmãs e irmãos, que de alguma maneira me motivaram nesta caminhada e contribuíram para a minha formação.

Ao CNPq/UEPB, que através das Bolsas de Iniciação Científica, possibilitaram condições para que eu pudesse concluir os meus estudos.

Aos excelentíssimos, Senhor Prefeito de Bananeiras, Douglas Lucena e, ao Vice-Prefeito Guga Aragão, que através de ações voltadas para a classe estudantil do município, me proporcionaram auxílio e condições que me permitiram persistir na realização dos meus sonhos, com mais segurança e tranquilidade.

À Daiane Pereira, que em nome, saúdo e agradeço às/aos funcionários, professoras/es, aluna/os da escola João Paulo II, e às/os Técnicos da Secretaria de Educação de Bananeiras, que me auxiliaram e contribuíram para o meu desenvolvimento no âmbito da experiência profissional e, meu crescimento como ser humano.

À Gerusa, Seu João, Joana D'arc e tantos outros amigos e amigas que por falta de espaço não cito, mas que sempre me motivaram e me proporcionaram bem-estar e tranquilidade ao ofertarem-me carinho e apoio.

CANTO DO HOMEM NÓVO
[Segunda metade do século XX]

Êle viu o fogo
Que era de fogão
Passar a Napalm
E torrar o chão

O vestido humano
Ser sintetizado
E o corpo humano
Desmitificado

Pôde usar à noite
Sexo integral
E voar de dia
Antigravitacional

Desinteressou-se
De ver mulher nua
E gastou o que tinha
Na viagem à Lua

Êle teve enfarte
Aos dezoito anos
Sofreu um transplante
Reviveu um instante
Não morreu de câncer
Viu morrer o câncer

No seu fundo mundo
Chuvas já não chovem
E qualquer velho pode
Requerer ser jovem

A lei lhe permite
Desquitar do irmão
E êle vive tudo
Sem muita emoção
Para acabar morrendo
De televisão.

VEJA, maio de 1969.

RESUMO

Este trabalho visa problematizar os discursos sobre o corpo envelhecido difundidos pelo jornal carioca, "Jornal do Brasil, entre 1970 e 1974, devido a legitimidade e a proporção de consumo deste jornal no cenário nacional, e o alcance que ele obtinha, facilitando assim, a sua influência sobre os indivíduos para construção de opiniões e novas subjetividades na década de 1970. Para isso, utilizamos a tese de doutorado da professora Edna Maria Nóbrega de Araújo (2008), a obra de Jean-Jacques Courtine (2006) e, Marcia Amantino e Mary Del Priore (2011) para pensarmos as questões de "Corpo", ligados as ideias de "beleza", "juventude" e "saúde". Para embasar as análises a partir dos "discursos", utilizamos os estudos de Michel Foucault [1984] e outros estudiosos sobre o tema. Os estudos de Guita Grin Debert (1999); Maria Lectícia Barreto (1992); Dirceu Nogueira Magalhães entre outros, são essenciais para contextualizar e compreender a velhice e os impactos dessa fase da vida para os sujeitos que envelhecem na sociedade. E principalmente, a obra do Gerontólogo Mario Filizzola [1972], para entender, a partir do conceito de "etarismo", como os discursos sobre o corpo envelhecido vão sendo difundidos no âmbito social.

Palavras-Chave: Etarismo. Corpo Envelhecido. Discurso e Poder. História do Corpo

ABSTRACT

This work seeks to problematise the discourses about the aged body broadcast by carioca newspaper, "Jornal do Brazil, between 1970 to 1974, given the legitimacy and the ratio of consumption of this newspaper on the national scene, and the scope that he obtained, facilitating Thus, your influence on individuals for construction of opinions and new subjectivities in early 1970. For this, we use the doctoral thesis of Professor Edna Maria Nóbrega de Araújo (2008), the work of Jean-Jacques Courtine (2006) and Marcia Amantino and Mary Del Priori (2011) to think about the issues of "Body", connected the ideas of "beauty", "youth" and "health". This work seeks to problematise the discourses about the aged body broadcast by carioca newspaper, "Jornal do Brazil, between 1970 to 1974, given the legitimacy and the ratio of consumption of this newspaper on the national scene, and the scope that he obtained, facilitating Thus, your influence on individuals for construction of opinions and new subjectivities in early 1970. For this, we use the doctoral thesis of Professor Edna Maria Nóbrega de Araújo (2008), the work of Jean-Jacques Courtine (2006) and Marcia Amantino and Mary Del Priori (2011) to think about the issues of "Body", connected the ideas of "beauty", "youth" and "health".

Keywords: Etarismo. Aged Body. Discourse and power. History of the Body

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O CORPO VELHO, DISCURSO E “ETARISMO”: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS	16
2.1	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EVOLUÇÃO DOS TERMOS	18
2.2	NOVAS DEFINIÇÕES PARA O CORPO ENVELHECIDO	20
2.3	O CORPO VELHO EM EVIDÊNCIA	26
2.4	DISCURSO ETARISTA E DISCURSO MÉDICO-MIDIÁTICO: VELHICE E/É “RESISTÊNCIA” (?)	32
3	3- “ESTÁ NA HORA DE MUDAR DE CORPO”: QUESTÕES DE GÊNERO, PLÁSTICA E CUIDADO DE SI.	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	53

1- INTRODUÇÃO

O desejo de realizar este trabalho, parte da necessidade de contextualizar os questionamentos sobre o tema da velhice que surgiram durante os três anos de Iniciação Científica (PIBIC/ UEPB-CNPq 2014-2017), coordenado e orientado pela professora Dr^a Joedna Reis, quando, ao pesquisar sobre histórias de vida dos idosos na cidade de Guarabira-PB, durante a vigência do projeto aqui destacado, e observando as realidades paralelas que vivenciam esses sujeitos, pudemos notar que há uma segregação silenciosa ocorrendo no cenário social, necessitando de um maior aprofundamento para compreendermos essa experiência dos indivíduos quando chegam a fase da velhice.

Sendo assim, destacamos algumas das nossas observações a partir das experiências vivenciadas por nós, ao contatar com dois grupos de sujeitos que envelhecem na sociedade guarabireNSE, no qual um grupo (os/as velhos/as do Albergue São Vicente de Paula) não recebe nenhum acompanhamento das instituições públicas, menos ainda das instituições privadas. Eles vivem em condições de “abandono social”, político e econômico, além de serem privados do convívio, do afeto, do lazer, do trabalho, do meio social e familiar. Por outro lado, o segundo grupo vivencia a prática da cultura do “culto ao corpo”, arreigado ao consumo de produtos de beleza, cirurgias plásticas, manuais de dietas, além de serem contemplados por políticas desenvolvidas pelos governos para darem assistência a preservação desses corpos em processo de envelhecimento, como a construção de academias populares e espaços para o lazer, a implantação de Universidades Abertas a Maturidade, escolas e cursos desenvolvidos e direcionados especialmente para este grupo, desenvolvimento de políticas públicas, a Criação de Estatutos nas mais diversas esferas da sociedade e seguimentos sociais, construindo assim dois universos paralelos em uma mesma sociedade: o primeiro repleto de sujeitos velhos, inativos, improdutivos e doentes e, já o segundo, caracterizado por sujeitos rejuvenescidos, ativos, produtivos e sadios.

A partir dessas observações, muitas indagações passaram a ser feitas, com o intuito de compreender como se deu a segregação desses dois corpos na nossa sociedade; tendo em vista que não se trata apenas de uma vivência exclusiva da

cidade de Guarabira. Desse modo, podemos questionar como e quando a sociedade brasileira passou a segregar o corpo envelhecido do rejuvenescido? Como se deu a construção desse novo ideal de corpo que passou a se estabelecer na sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XX, se consolidando como modelo, praticado pelos indivíduos nos dias de hoje? Quem são os agentes que estão por trás dessa reconfiguração da velhice, empreendida a partir da década de 1970, no Brasil; e quais os motivos que impulsionaram a legitimação dos discursos que foram incorporados na sociedade nesta década aqui já citada?

Levantadas estas questões, o foco deste trabalho foi problematizar os discursos difundidos pelo jornal carioca, "Jornal do Brasil", dado a legitimidade e a proporção de consumo deste jornal no cenário nacional, e o alcance que ele obtinha, facilitando assim, a sua influência sobre os indivíduos para construção de opiniões e novos cenários socioculturais na década de 1970. Vale ressaltar, que este periódico, nos primeiros quatro anos, da década aqui mencionada, aborda os assuntos atrelados a velhice, a partir das pesquisas científicas desenvolvidas pelos países polares da Guerra Fria (Estados Unidos e União Soviética), incentivando o desenvolvimento e o uso de produtos estéticos e métodos da clínica plástica, medicamentos, dietas e outras práticas de retardamento e prevenção do envelhecimento, resultando em um verdadeiro espetáculo da corrida rumo a fonte da juventude, prometendo "a libertação do ser humano do fardo da velhice", se não, "até mesmo da morte".

Esta problematização, só é possível a partir das novas configurações no fazer historiográfico, inaugurado pela Escola dos Annales, nas primeiras décadas do século XX, em que abriu na historiografia mundial, espaços para debater as representatividades dos corpos, as transformações das sensibilidades ao longo da história, e também, novas categorias de fontes e abordagens que passaram a ser pensadas e incorporadas no trabalho do historiador, não só como fornecimentos de dados sobre um determinado evento, mas como desenvolvimento de novas linguagens e narrativas para compreensão e construção das subjetividades na história. Para PESAVENTO (2004, p. 5) "O olhar-detetive do historiador da cultura interpretará tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde os homens, falavam, amavam e morriam".

E é a partir deste “olhar detetive”, que utilizaremos as obras bibliográficas: “A Invenção Social da Velhice”- Dirceu Nogueira Magalhães (1987), para embasar a compreensão de como ocorreu a construção da visibilidade da velhice no Brasil no século XX, uma vez que a obra mostra como os discursos midiáticos ampliaram e fortaleceram o mercado médico-estético, a partir do consumo proporcionado com o acesso dos velhos brasileiros à aposentadoria; “Admirável mundo velho: Velhice, fantasia e realidade social” - Maria Lectícia Barreto (1992), para entendermos como a sociedade percebia os indivíduos envelhecidos, ou como os mesmos se percebiam a partir das descrições de seus corpos narrados na obra; e “A Reinvenção da velhice” Guita Grin Debert (1999), para compreender como os conceitos sobre a velhice se transformaram ao longo do século XX, a partir da ideia de “reprivatização da velhice”, uma vez que a velhice passou a se concentrar nos espaços e instituições criados para abrigar os sujeitos mais envelhecidos, e construção de novas identidades para estes sujeitos responsabilizando-os por seus próprios corpos; A tese de doutorado da professora Edna Maria Nóbrega de Araújo (UFPE, 2008), para compreender como a sociedade brasileira, com a expansão da indústria da estética no Brasil, desenvolvida na segunda metade do século XX, que buscou silenciar os corpos envelhecidos, uma vez que a busca pela juventude é somada a outros ideais correlacionados entre si, criando um modelo de corpo a ser alcançado: o corpo belo, saudável e jovem, atendendo a dinâmica social deste período; “O que é velhice? [S/D]”, de Sônia de Amorim Mascaro, para entender como a velhice é pensada e constituída a partir das descobertas científicas sobre o corpo envelhecido durante o século XX.

Para tratar sobre os “discursos” e conceitos sobre “Corpo”, usaremos as obras: “História do Corpo. V. 3: As mutações do Olhar. O Século XX”, sobre a direção de Jean-Jacques Courtine (2006), em que, a partir dessa coleção, podemos entender que até o ano de 1975, a medicina exerceu um poder de discursivo nas sociedades industriais, nas quais o corpo envelhecido, até este período era caracterizado pelas rugas, a decadência das forças físicas, o aparecimento dos cabelos brancos, a chegada da menopausa, a perda da virilidade, o que corresponde a uma espécie de “resultado final” de um estilo de vida, ditado através dos diversos discursos empreendidos nos espaços sociais e midiáticos no período aqui estudado. Utilizaremos também as Obras “Microfísica do Poder” (1989), “A

Ordem do Discurso” (1996), “História da Sexualidade. Vol 3: A cultura de si” (1984), “Em defesa da Sociedade” (1976), todas de Michel Foucault, para entendermos como os discursos produzidos nos espaços midiáticos irão interagir e influenciar para as novas configurações do corpo envelhecido, a partir da receptividade dos discursos pelos sujeitos nos espaços os quais estão inseridos.

A obra “A velhice no Brasil” (1972) – Mário Filizzola, ora será usada como referência bibliográfica, ora como fonte primária, uma vez que a mesma está dividida em duas partes: a primeira, a introdução, destaca os anseios do gerontólogo com a introdução da gerontologia no Brasil, as condições em que a velhice é tratada e representada, e as frustrações do autor para com os espaços que são destinados à Gerontologia e a velhice nos debates e prioridades sociais e, a segunda parte, é feita por levantamentos de documentos que permite percorrer a “cronologia” da velhice no Brasil, e como “a cultura do etarismo” é construída e pensada para deslegitimar e silenciar da história, os sujeitos envelhecidos nas sociedades industriais. Além de tantos outros textos que contribuem para um melhor esclarecimento sobre as temáticas aqui expostas, e que serão referendadas no término deste trabalho.

Este trabalho está dividido em duas partes: “2- *O corpo velho, discurso e “etarismo”: construções históricas*, em que se discute o conceito de “etarismo” desenvolvido por Mário Filizzola, sendo este essencial para a compreensão e análise das narrativas estudadas neste trabalho. Este capítulo também está subdividido em quatro subcapítulos: 2.1 – *considerações acerca dos termos*, em que é discutido a construção dos conceitos que alimentam os discursos etaristas contra o corpo envelhecido; 2.2 – *Novas configurações para o corpo envelhecido*, em que é analisado como os discursos etaristas vão construindo uma ‘monstrificação’ do corpo velho, distanciando os indivíduos do seu processo de envelhecimento natural, buscando novas tecnologias e maneiras de envelhecer de forma mais lenta. É também neste subcapítulo que é discutido a criação das faixas etárias ao longo dos séculos XIX e XX, criadas nas sociedades industriais, possibilitando a segregação dos indivíduos velhos de seus espaços de convívio; 2.3 – *O corpo velho em evidência*, busca contextualizar os discursos midiáticos que recaem sobre o corpo envelhecido, e as novas maneiras de pensar este corpo, partindo da análise dos discursos midiáticos de alguns jornais, como “O Globo” e, especificamente, o “Jornal

do Brasil”, redefinindo novas maneiras dos indivíduos em se relacionar com o seu corpo no processo de envelhecimento neste período; 2.4 – *Discurso etarista e discurso médico-midiático: velhice e/é resistência (?)*, busca discutir a dualidade de discurso existente em “Jornal do Brasil” sobre o processo de envelhecimento dos indivíduos e como estes sujeitos velhos estavam “existindo”/“resistindo” a esse fogo cruzado.

E por fim, a segunda parte intitulada *“Está na hora de mudar de corpo”*: *questões de gênero, plásticas e cuidado de si*, que busca, principalmente, detalhar a partir de algumas reportagens de “Jornal do Brasil”, como estes discursos de negatização/negação do corpo envelhecido serão empreendidos, e quais são os caminhos a serem percorridos a partir daí para a manutenção, preservação e prevenção do corpo em seu estado de envelhecimento, fazendo surgir, porém, um novo estilo de corpo a ser adotada por todas e todos.

2- O CORPO VELHO, DISCURSO E “ETARISMO”: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

A segunda metade do século XX, foi um período decisivo para os “velhos” nas classes médias das sociedades capitalistas e/ou industrializadas, inclusive no Brasil. Quando surgiram movimentos que não só criaram delimitadores dos espaços que passaram a ser ocupados pelos indivíduos nessa fase da vida, mas como também, uma nova linguagem sobre o corpo decrépito e enrugado do velho passou a ser produzida, incorporada mais tarde, pelas demais camadas dessas sociedades.

Antes do século XVIII, a velhice era considerada ridícula; no século XIX, sábia; no século XX, a velhice enquanto tal, valorizando-se a pessoa que consegue disfarça-la fisicamente (velhos bem conservados) e/ou psicologicamente (velhos de espírito jovem). Já não há valorização alguma da velhice. Conserva-se, do século anterior (século XIX) uma norma que estabelece que os velhos (os anciãos, os sábios) devem ser respeitados, mas esse “objeto de respeito” encontra-se desaparecido, “disfarçado de jovem”, física, moral e psicologicamente. (BARRETO, 1992, p. 23. GRIFO NOSSO)

Entretanto, não podemos esquecer que com essas novas maneiras de pensar os sujeitos envelhecidos, durante o percurso do século XX, em suas diversas fases da vida, o processo de envelhecimento passou a ser responsabilidade exclusiva do próprio sujeito. Rompeu-se assim, a ideia de uma velhice decrépita, inválida, caracterizada pelas rugas e cabelos brancos. Começa-se, também, uma verdadeira campanha de negatização e pejorativação da imagem do velho, promovidos e estimulados pelos órgãos midiáticos e, depois médico. Esses discursos alimentam nos indivíduos um novo ideal de corpo, em que beleza, saúde, juventude e bem-estar, empolga-os para um cuidado de si e, também, dos seus corpos.

Na sociedade que cultua o novo, que desnaturaliza o envelhecimento e a morte, aceita-se como natural a não celulite, a não ruga, o não cabelo branco, enfim, tudo o que passa comprometer os discursos construtores de um padrão de beleza voltado para corpos definidos e jovens. (ARAÚJO, 2008, p. 109).

Porém, decodificar aqui esse movimento em relação as construções subjetivas do corpo e da velhice ou do corpo na velhice, é compreender, que a investigação sobre esta temática é feita a partir da problematização dos fenômenos sociais e culturais ensaiados na segunda metade do século XX, especificamente nas sociedades “ditas” industriais e pré-industriais, em que o envelhecimento do corpo passa-se a ser tomado como algo que não pode ser evitado, mas sim, retardado,

dando aos indivíduos, que estão sob a égide das cirurgias plásticas e intervenções médicas, o poder da longevidade, da beleza, mas nem sempre da saúde¹ e do próprio bem-estar. É partindo deste contexto, dominado por um sentimento de indignação, que o gerontólogo Mario Filizzola, publica, em 1972, a sua obra “*A Velhice no Brasil*”, com o intuito de salvaguardar para as gerações à frente do seu tempo, um material rico de informações que contribua com os estudos e compreensão do que era a “*velhice*” e como se constituiu o silenciamento do “*sujeito velho*” na sociedade brasileira no século XX.

Entretanto, no momento em que a obra foi escrita, Mario Filizzola denunciava a urgência de se tratar do assunto na sociedade brasileira de época, uma vez que a Gerontologia e a Geriatria lutavam em busca de espaços nas Mídias e nos espaços sociais, a fim de garantir aos brasileiros, que se encaminhavam para a fase da velhice, melhores condições de envelhecimento dos seus corpos e combate aos preconceitos contra os corpos envelhecidos da sociedade, cometidos por aqueles a quem ele irá chamar de “*etaristas*”, uma vez que: “*o etarista coloca o velho em situação de ridículo e extrai o motivo para o seu riso.*” (FILIZZOLA, 1972, p. 19).

Segundo Filizzola: “*Etarismo é o preconceito de idade contra a velhice. É uma espécie de racismo. E, do mesmo modo como age o racista, guiado por seu preconceito, o etarista é conduzido por preconceito contra os velhos.*” (FILIZZOLA, 1972, p. 19). Ou seja, o etarismo é caracterizado como uma discriminação da imagem do velho, das características da velhice e da exclusão desses sujeitos dos espaços sociais. O etarismo é constituído não só por uma discriminação física contra o indivíduo, mas também discursiva da incapacidade desses sujeitos de viverem no âmbito social.

Filizzola, ao apresentar o exemplo de uma matéria publicada em Jornal “O GLOBO”, na edição de 5 de Outubro de 1971, destaca dentro da notícia a frase “*praça dos insepultos*”, - cuja referência faz ao local frequentado por “*idosos- quase aposentados*” e que era limpo, quase toda tarde, por um “*ainda jovem e forte, moreno e de estatura mediana*” rapaz. Para Filizzola, esse nome dado a esse local:

¹ Sobre os riscos das intervenções médicas, consultar ARAÚJO. E. M. N. de. *Mutações do corpo e da beleza no final do século XX*. In: “**Espelho meu, agora a mais bela sou eu**”: **cartografias da história da beleza no Brasil**. (tese de doutorado). UFPE: 2008. p. 188-236.

“Oferece incompatível sabor de ofensa e de ridículo como a mais cruel palavra assacada contra o aposentado: - *insepulto*. *Insepulto* é o mais novo e desumano sinônimo que conheço da palavra *inativo*”. (FILIZZOLA, 1972, p. 20).

A indignação de Filizzola contra o termo “*insepulto*” não está associada à apenas a sua representação de “inatividade” dos velhos como o mesmo expressa em suas palavras². Mas compreende que a referência do termo *insepulto*, está associado ao devido fato de que “a praça” –local frequentado pelos “idosos-quase aposentados” - é limpo por um rapaz “*ainda jovem e forte*”, incapacitando os velhos- o corpo envelhecido- diante do corpo “sadio” e “forte” do rapaz. Essa comparação está associada às modificações que o termo *inválido* sofreu ao longo dos séculos, até ser incorporado no vocabulário brasileiro. Em outras palavras, o corpo envelhecido passa a ser considerado um corpo semimorto, inutilizável, inapropriado e apto para o descarte. Um resultado de uma construção histórica, não passiva, mas de grandes singularidades que recai sobre os sujeitos envelhecidos em determinadas sociedades.

2.1- CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EVOLUÇÃO DOS TERMOS

Surgido na França do século XVIII, o termo *invalide* era utilizado pelo exército francês para distinguir os soldados que já não estavam capacitados para servirem ao exército por motivos da velhice ou ferimentos em combates, mesmo assim, os *invalides* do exército francês passavam a ser privilegiados na sociedade, pois:

O termo *inválido* era entendido nesse tempo, em Paris, como um título honorífico. Quem o possuía era objeto de consideração especial e tinha o direito de ser mantido no *Palácio dos Inválidos*³. [...] Não é de estranhar tivesse o *invalide* do exército francês merecido um palácio para viver, uma grande praça, uma bela rua arborizada com o seu nome, e tudo isto situado bem no centro e no coração de Paris. Inspirando simpatia e admiração, o *invalide* é alguém a quem se aponta aos filhos como exemplo e a quem se

² FILIZZOLA (1972. Oferecimentos), ao oferecer o seu livro, refere-se à população envelhecida da seguinte forma: “Aos Não queridos; não prezados, não amados; Não assistidos; Não socorridos; Não válidos; Desválidos; Inválidos; Inatizados; Inativos; Oferece o autor”.

³ Criado por Luís XIV, em 1760, como forma de retribuição aos soldados, por esses terem se dedicado em virtudes e saúde ao exército francês, pois os franceses se sentiam no dever de assegurar os “envelhecidos” do exército, prestando assistência, amparo e defesa. Foi nesse mesmo Palácio onde foi sepultado o corpo do Imperador Napoleão I, em 1840, e se tornou sede do governo militar de Paris, em 1898.

ama com profunda gratidão. Não há piedade nessa simpatia. Não há caridade nesse amor. Investido de solene dignidade, o *invalide* não desperta ridículo ou compaixão, e nem tampouco sugere ser *não valido*, isto é, *não querido*, *não estimado* ou *não prezado*. (FILIZZOLA, 1972, p. 24-25).

A indignação de Filizzola ao relacionar o termo "*insepulto*" ao termo "*inativo*", vem de sua análise da transformação sonora da palavra *invalide*, ao ser traduzida para o português, que tem a sua "*sonoridade gráfica*" e sentidos alterados. Para FILIZZOLA (1972, p. 25):

Em português a palavra *válido* significa que tem valor, vigoroso, potente, forte. Existe também a palavra *valido* com tonicidade na penúltima sílaba, e que se assemelha em pronúncia à palavra francesa *valide*. Essa *semelhança sonora e auditiva* entre *valido* e *valide* levou o português dos séculos XVIII e XIX, fortemente influenciado pelas "luzes" francesas, em um primeiro tempo, a transportar para o francês o significado da palavra portuguesa *valido*, adulterando desse modo o significado da palavra francesa *valide* que, além de significar válido, valioso, são e vigoroso, passou a significar também *querido*, *estimado*, *prezado*.

Essa mudança nos sentidos dos termos também se expressa numa mudança no olhar da sociedade sobre os corpos dos indivíduos envelhecidos, uma vez que o termo negativo das palavras *invalide* (francesa) e *Inválido* (portuguesa), também tiveram os seus significados alterados a partir das mudanças sonoras ocorridas com os termos positivos, caracterizando assim, a significação do termo *invalide*, que além de significar, em francês: "inválido, valetudinário, incapaz por velhice ou enfermidade de servir", também passou a ser traduzido no português como: "fraco, débil, enfêrmo, que perdeu o vigor, que por velhice ou por enfermidade não é capaz de trabalhar ou de servir, e, também, não querido, não estimado, não prezado; *pessoa sem valor*" (FILIZZOLA, 1972, p. 26). Essa mudança no termo *invalido* passará cerca de 142 anos para se processar no Brasil, correspondendo do período que vai da criação da "Rua dos Inválidos e a construção da Casa dos Inválidos- em 1794- se estendendo até o ano de 1936, quando Getúlio Vargas ordenou a proibição de asilamento no Asilo dos Inválidos da Pátria.

É importante frisar que o Conde de Resende, criador da Rua e da Casa dos Inválidos, se inspirou nas ideias do Rei francês, Luís XIV, para atender as necessidades dos soldados velhos do exército português que vieram para o Brasil para pôr fim a "Guerra do Sul, findada em 1762. Porém, analisando o relatório do Conde a Matinho de Mello e Castro, em 5 de Junho de 1793, o Conde de Resende irá afirmar sobre as condições físicas em que se encontravam esses soldados: "*O Corpo dos Ordenanças, que é numeroso, ainda assim não merece a maior*

confiança, porque se deve considerar como um depósito de estropiados" (RESENDE citado por FILIZZOLA, 1972, p. 27. GRIFO DO AUTOR).

Sendo assim, a partir do momento que destacamos o sujeito velho, pensamos automaticamente em seu corpo envelhecido, com sua falta de vitalidade, decrépito e dependente. Mas não esqueçamos de pensar também que dado a compreensão do processo histórico dos termos aqui brevemente estudados, podemos também deslumbrar das modificações dos olhares que o corpo envelhecido sofreu ao longo da história.

Na França do século XVIII, o velho era tratado com honrarias devido a uma vida de servidão à sociedade. Já no Brasil do Conde de Resende, há uma nova configuração para estes sujeitos. O sujeito velho deixa de ser contemplado por sua vida, e passa a ser uma preocupação altruísta que deve ser empreendida pelos jovens e ricos, como retribuição pelos serviços desses velhos oferecidos a sociedade outrora.

Porém, analisemos também a palavra "estropiado".

No sentido ao qual ela foi empregada, este termo remete à um sujeito que passou por mutilações de mais diversas gravidades, ou seja, os velhos soldados pensados pelo Conde de Resende são velhos bem diferentes dos que eram pensados por Luís XIV, na França- um velho digno de respeito e honras. A palavra "estropiado" liga o "velho" ao sujeito "inválido" que já não tem mais valor e que se estende para a segunda metade do século XX brasileiro como tal: o velho aleijado, enfermo, que não tem mais serventia alguma para os interesses da sociedade. O "idoso – "o corpo" - insepulto", pensado pelo "O Globo" é o velho "estropiado" pensado pelo Conde de Resende; é o corpo que ainda não foi sepultado, que não tem mais nada para oferecer à sociedade, mas, que espera ao menos um lugar para morrer, depois de uma vida inteira de serviços prestados no âmbito social.

2.2 – NOVAS DEFINIÇÕES PARA O CORPO ENVELHECIDO

As mudanças nos sentidos das palavras a partir do pensamento iluminista do século XVIII, na França, configurou uma nova característica para a velhice- digamos que primeiramente, para os velhos franceses e portugueses- e que depois

se estendeu, também, para as noções de corpo, velhice e envelhecimento ao longo da história. Já a partir do século XIX, as sociedades ocidentais, passaram a ser influenciadas, principalmente, pelas descobertas médicas⁴, e já vivenciavam novos olhares sobre o que seria a vida e suas respectivas fases, em que as relações de indivíduos e seus núcleos de convivências passaram a ser definidos por sua idade. Para isto, foi necessário criar mecanismos de vigilância e controle sobre os indivíduos, desde o nascimento até a morte desses sujeitos, o que este movimento foi chamado por ARIÈS (1978) de a “descoberta a infância”, sendo este tema, o principal objeto de sua análise.

Para ARIÈS (1978), a “descoberta da infância” representou a construção de uma nova concepção de “sujeito” e a criação de uma nova fase da vida, em que a “juventude” é instituída como uma fase preparatória da criança antes de adentrar na vida adulta. Ariès também considera que na Modernidade “a reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluíram os criados, os clientes e os amigos” (ARIÈS, 1978, p. 186).

Entretanto, a criação dessa nova fase da vida- a juventude-, foi fundamental para demarcar os espaços da vida dos sujeitos e seus deveres para com a sociedade. Por outro lado, os espaços entre “sujeitos jovens” e “sujeitos velhos” serão ainda mais distanciados uma vez que:

As idades da vida eram também uma das formas comuns de conceber a biologia humana, em relação com as correspondências secretas internaturais [...]a juventude, que está no meio das idades, embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças, e essa idade dura até 45 anos, segundo Isidoro; ou até 50, segundo os outros. Essa idade é chamada de juventude devido à força que está na pessoa, para ajudar a si mesma e aos outros, disse Aristóteles. [...] Depois segue-se a senectude, segundo Isidoro, que está a meio caminho entre a juventude e a velhice, e Isidoro a chama de gravidade, porque a pessoa nessa idade é grave nos costumes e nas maneiras; e nessa idade a pessoa não é velha, mas passou a juventude, como diz Isidoro. Após essa idade segue-se a velhice, que dura, segundo alguns, até 70 anos e segundo outros, não tem fim até a morte. A velhice, segundo Isidoro, é assim chamada porque as pessoas velhas já não têm os sentidos tão bons como já tiveram, e caducam em sua velhice... A última parte da velhice é chamada senes em latim, mas em francês não possui outro nome além de vieillesse... O velho está sempre tossindo,

⁴ Ver em MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, J-J. *et all. História do Corpo vol 3: As mudanças do olhar. O século XX*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 15-82.

escarrando e sujando [...] até voltar a ser a cinza da qual foi tirado." (ARIÈS, 1978, p. 27).

Ou seja, a partir do avanço da modernidade e das novas concepções que passam a tomar os espaços sociais e familiar, há também uma modificação de sentidos sobre os sujeitos e suas funções em seus lugares de ocupação. Se criam várias faixas de idade, e cada uma com suas responsabilidades, o que se entende por funções, com deveres e obrigações a serem ofertadas e desenvolvida em cada período de vida.

A partir deste momento, se rompe com a ideia de uma vida destinada apenas ao trabalho. A infância passa a ter uma nova característica: a formativa, ou seja, a educação passa a ser a engrenagem do desenvolvimento do indivíduo. A juventude é o elo entre a infância e a fase adulta, porém, é o momento que requer o desenvolvimento de novas habilidades, tanto intelectuais quanto físicas, e tempo para o lazer. Já a fase adulta, passa a ser a fase em que os sujeitos põem em prática tudo o que aprenderam nas fases anteriores, passam a ter uma profissão, constroem as suas famílias e são responsáveis por cuidarem dos seus "velhos" que estão agora como seres dependentes de seus entes mais jovens. Em outras palavras, a vida passa a ser cronometrada, o intervalo - aqui podemos entender como "o viver" -, entre o nascer e o morrer toma um ritmo regressivo⁵, começa-se a morrer ao nascer, como diria SANT'ANNA (2001). Diante deste quadro, as instituições passam a ganhar cada vez mais força e poder sobre os corpos: é a escola, é a prisão, são os hospitais, as academias, os asilos e etc., cada uma com a específica missão de colocar cada indivíduo em seu devido lugar⁶.

Segundo DEBERT (2012), esta maneira de pensar a organização dos indivíduos e dos espaços sociais tem a ver com a disciplina com que as sociedades ocidentais, ditas modernas, tem que empreender sobre os sujeitos para concretizar o ideal social tão almejado. E para isto, se fez necessário não só a reconfiguração

⁵ Sobre faixa etária, diferenças de idade, idade cronológica ver: DEBERT, Guita Grin. As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. IN: _____. **A reinvenção da Velhice**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2012, p. 39-69.

⁶ Para uma maior contextualização e compreensão das instituições disciplinares, faz-se necessário consultar: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

dos espaços físicos, como também, do próprio curso de vida dos indivíduos, uma vez que:

O curso de vida moderno é reflexo da lógica fordista, ancorada na primazia da produtividade econômica e na subordinação do indivíduo aos requisitos racionalizadores da ordem social. Tem como corolário uma burocratização dos ciclos da vida, através da massificação da escola pública e da aposentadoria. Três segmentos foram claramente demarcados: a juventude e a vida escolar; o mundo adulto e o trabalho; e a velhice e a aposentadoria. (DEBERT, 2012, p. 56).

Neste caso, as sociedades industriais passam a ditar as regras sobre os indivíduos e seus corpos. Criam-se mecanismos para o controle dos corpos: É necessário ter sempre um corpo sadio e educado para atender às demandas do mercado. Por outro lado, passam-se a ser criados novos parâmetros culturais sobre os corpos e suas características, e eis que surgem um novo sentido para o corpo: o corpo novo, esbelto, vigoroso, macro e jovem. Eis a nova ordem a ser obedecida para se manter bem-quisto no âmbito social. E para que isto seja possível, surge um aliado indispensável: o médico.

Segundo ARAÚJO (2008, p. 28.) "o cientificismo imperante, no final do século XIX, possibilitou aos médicos, expandir o controle sobre a vida das pessoas, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando e ordenando a sociedade". Os médicos, portadores das "verdades científicas" da medicina, passam a ditar o que há de certo e de errado com os corpos dos sujeitos e são as principais referências "dignas" a oferecer as ferramentas essenciais para que os indivíduos mantenham seus corpos sempre adequados às tendências sociais. Para MOULIN (2011, p. 15), a medicina

Promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. Sua justificação reside no progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade.

Contrário disso, ARAÚJO (2008, p. 38), lança sobre os indivíduos, a responsabilidade com os seus corpos, a partir do momento que a medicina se distancia da política do controle, e os indivíduos passam a incorporar os discursos midiáticos sobre a estética a ser seguida nos espaços sociais. ARAÚJO (2008, p. 30-31), enfatiza que:

[...] foi a partir da perspectiva da sujeição e não a liberdade que o corpo ganhou evidência nas sociedades do século XX. Todas as intervenções que se operam sobre ele enunciaram a ideia de liberdade de movimentos.

Todavia, ao mesmo tempo, estas intervenções estabeleceram diferentes estratégias de autocontrole”.

Este “autocontrole” ao que se refere Araújo, é fruto de um discurso empreendido principalmente pelas políticas de vigilância, disciplina e controle empreendidas pelas sociedades em que a medicina estava em evidência. Por via de exemplo. A grosso modo, destacamos o caso da medicina intervencionista e preventiva⁷ de Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, que em pouco tempo, não só ampliou o seu campo de atuação, modificando e controlando os cenários urbanos brasileiros, como também, expandiu um poder de constante controle sobre os indivíduos, estabelecendo regras, horários e padrões a serem por eles seguidos para que pudessem garantir uma melhor manutenção e preservação dos seus corpos, diminuindo não só a mortandade causada pelas epidemias da época, mas resultando também, em irreversíveis mudanças, inclusive, no âmbito cultural dos indivíduos em relações aos seus corpos⁸.

A partir daí, “o destino dos corpos se joga, então, à força dos argumentos ao mesmo tempo sociais, econômicos e científicos” (MOULIN, 2011, p. 60), o indivíduo passa a ser responsável pelo seu próprio corpo e por tudo o que acontece com ele e sobre ele, atrelando a ideia de prazer ou da culpa, de acordo com os cuidados empreendidos ou não para com o mesmo. Ou seja, a medicina já não tem o poder de impor seus discursos e métodos aos indivíduos, mas esses mesmos indivíduos passam a ser culpabilizados pelo desdém dirigido a mesma, fazendo com que esse autocontrole lhe custe caro.

Se o corpo começa a ganhar destaque a partir dos contextos históricos em que as sociedades do século XIX estavam inseridas, “O século XX é que inventou teoricamente o corpo”. Assim, afirma COURTINE (2008). O grande desenvolvimento que os diversos campos da cientificidade passara a ter, possibilitou o surgimento de ciências – como a psicologia, a psicanálise, etc. - que transgrediram os limites físicos do corpo humano, e deram novos sentidos aos mesmos, rompendo assim, com a característica “sagra do corpo”, inviolável por sua divindade e natureza. Sendo

⁷ Para saber mais sobre “Medicina preventiva”, faz-se necessário a leitura de MOULIN in COURTINE (2011, p. 15-82).

⁸ Sobre as políticas de intervenção e prevenção das epidemias no Brasil, faz necessário consultar: ROSEN, George. **Da polícia Médica à Medicina Social: Lutas urbanas e controle Sanitários-origens das políticas de saúde no Brasil**. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1985. 121p.

assim, no século XX, o corpo se constitui como objeto “animado”, portador da vida, motor da economia e da sociedade. Passa-se, então, a trilhar a duras penas, o longo caminho para elaborar o plano mais perspicaz em favor deste corpo. A saúde, a juventude, a beleza e o bem-estar, devem ser, assim, ensinados, estimulados e praticados por todos e todas.

Os discursos, passam a ser construídos, a fim de convencer os indivíduos a cuidarem dos seus corpos. É necessário viver bem, bem disciplinado e obediente aos padrões que vão se estabelecendo com o avançar do século e todos os seus eventos, com impactos diretos da medicina, por meio da medicina e em favor dela, transformando lentamente a forma como os indivíduos se auto enxergam e se auto relacionam com seus corpos.

O corpo, chega na década de 1970, como uma “máquina” (SANT’ANNA, 2001) que deve passar por uma nova reconfiguração. Uma formatação agora que não se limite apenas na manutenção de sua saúde e bem-estar, mas que busque os mecanismos de desenvolver outras duas características, sonhadas e não vividas, mas agora possíveis: a eterna juventude e a beleza. Um quarteto que se entrelaça, e dá novos aparatos para o nascimento de um novo padrão de corpo em meio social: belo, saudável e jovem.

Para este trabalho, entretanto, é notável destacar, que a distinção do corpo “jovem” e do “velho” é o que vai estimular os discursos das ciências do envelhecimento no empreendimento de novas configurações do corpo envelhecido. Estes agentes, só passam a ser potencializados no Brasil, a partir da década de 1970, principalmente, quando a Geriatria e Gerontologia começam a ocupar os espaços midiáticos, na busca de romper com o silêncio social dos sujeitos envelhecidos. A partir daí, há uma busca pela diferenciação do corpo velho e do corpo jovem, apresentando o primeiro como uma espécie de punição ao indivíduo por não ter cuidado do seu corpo, e o segundo, como um padrão de corpo que deve ser mantido para a longevidade, mas que para isto, a responsabilidade recai para o próprio indivíduo.

Para FOUCAULT (2002, p. 53-58) esse movimento onde as responsabilidades das sociedades são transferidas para os seus indivíduos aparecerá como “uma intensificação das relações sociais”, surgindo assim uma

“cultura do cuidado de si”, em que “o homem deve velar por si mesmo” e, que isso “é um princípio válido para todos, todo o tempo e o tempo todo” como forma de garantir o seu bem-estar social e individual. Mas, DEBERT (2012, p. 230) diz que essa “cultura do cuidado de si” pode ser compreendida na velhice, como um processo de “Reprivatização da velhice”, já que os cuidados com o envelhecimento do corpo e com o seu estado de preservação será responsabilidade unicamente do próprio indivíduo, seja durante a sua juventude, seja durante o seu processo de envelhecimento, a partir das tecnologias que passam a serem desenvolvidas para estes fins.

Neste caso, o discurso “etarista”- da desvalorização do sujeito envelhecido- se entrelaça ao discurso midiático na tentativa de legitimar novos padrões de corpos, principalmente belo, esportivo, saudável e rejuvenescido.

2. 3- O CORPO VELHO EM EVIDÊNCIA

Para ARAÚJO (2008, p. 35), “[...] a mídia possui uma habilidade inegável quando se trata de elaborar valores e seduzir as pessoas a partir das ideias que divulga”. E, durante toda segunda metade do século XX, a mídia brasileira não mede esforços para garantir que os novos modelos de corpos cultuados pelas sociedades industriais passem também a serem estabelecidos aqui no Brasil. Os motivos? A propagação das indústrias da moda e da beleza, e o estabelecimento de novos valores estéticos, como acentua ainda ARAÚJO (2008, p. 37): “o que interessa é alimentar a fantasia de obter aquele padrão que se convencionou chamar de belo”.

A partir da década de 1960, no Brasil, surge um movimento em torno da velhice, onde as preocupações com essa fase da vida se ligaram aos contextos econômicos e demográficos que passaram a preocupar as autoridades do período. Pois, “o Brasil tinha uma economia encolhendo enquanto a sua população estava envelhecendo aceleradamente”. (MAGALHÃES, 198, p. 19-20)

Essa abordagem em torno do envelhecimento passou a ganhar destaque nos campos disciplinares, principalmente nas duas últimas décadas do século XX, entre estudiosos da velhice como Maria Leticia Barreto (1992), Dirceu Nogueira Magalhães (1987) e Guita Grin Debert (1999), que passaram a entender a velhice

como um fenômeno biológico natural do corpo, implicando apenas em transformações políticas e econômicas nas sociedades, principalmente nas industriais. Por outro lado, passou a existir nos campos acadêmicos e de pesquisas a necessidade de uma abordagem mais sensível sobre o sujeito velho, em que as representações sobre a velhice fossem compreendidas como uma construção social, resultado de uma política que teve por finalidade deixar para os indivíduos das sociedades a responsabilidade com seu envelhecimento e o cuidado com seu próprio corpo, fazendo-se necessário à desconstrução e denúncia de estereótipos pejorativos que se tornaram característicos da velhice incorporados nessas sociedades.

É preciso pensar que o envelhecimento e as condições em que o indivíduo chega a ser velho, resultam de uma longa existência onde saúde, educação, trabalho, lazer, alimentação etc. entram no somatório dos ganhos e perdas de cada um, a partir de seu nascimento. Pensar numa velhice saudável é pensar sobretudo nas condições que permitem ao adulto bem envelhecido, assim como pensar o adulto como resultado do jovem e deste, como a continuidade da criança. (MAGALHÃES. 1987, p. 50).

Vale ressaltar, porém, que é na década de 1960, que os debates em torno do tema da velhice passam a ser cercados por questões que se estabelecem como norteadoras para a consolidação das novas definições do que seria o comportamento adequado para os sujeitos envelhecidos, ou seja, manter a sua “beleza”, a “juventude” e a sua “saúde”⁹. Sobre isto, acentua DEBERT (2012, p. 44):

Essa flexibilização e revolução dos parâmetros anteriores do que seriam os comportamentos adequados e direitos e deveres e deveres próprios a cada faixa etária são, contudo, acompanhadas da transformação das idades num laço simbólico privilegiado para a constituição de atores políticos e redefinição de mercados de consumo.

A partir disso, passam-se a ser pensadas e criadas nessas sociedades, mecanismos de preservação, vigilância e manutenção desses corpos, onde os mesmos passaram a adotar determinados padrões ditados nessas sociedades. Uma linguagem específica também passa a ser incorporada, além de termos e ciências especiais, pela mídia, para garantir que esses indivíduos se adequem e permaneçam adequados a esses padrões desenhados, penalizando – de certa

⁹ Estes conceitos são apresentados e desenvolvidos pela professora Edna Maria Nóbrega de Araújo, em sua tese de Doutorado (2008), em que discute os processos históricos em que a “triade” do corpo – beleza, saúde e juventude (DEL PRIORI In ARAÚJO)- passam a ser objetos de estudos, controle e comercialização nas décadas finais do século XX, e como a mídia se apropriou de discursos sobre estes termos, a fim de estabelecer “corpos modelos” a serem “cultuados” pelos indivíduos nas sociedades contemporâneas.

forma-, os que fugirem dessa nova realidade social que aos poucos vai se estabelecendo.

Então, quando se trata destas novas características que deve compor um corpo a partir deste momento, tentemos compreender como se estabelece a construção de um discurso que incentive a busca desse ideal ofertado.

ARAÚJO (2008, p. 95), ao analisar a busca exacerbada de mulheres por cosméticos e medicamentos para a manutenção escultural dos seus corpos, na década de 1990, contextualiza: “[...] nos discursos construídos, enunciam-se que para ser bela é preciso esforço. A beleza será alcançada se alguns conselhos e cuidados forem seguidos, cumpridos”. Em outras palavras, a legitimidade do discurso para a promoção de um determinado produto advém da exclusão e/ou seleção de um determinado tipo de corpo, para que essa marginalização incentive o uso do produto em busca do “corpo padrão”. Isto requer dizer que a velhice – em sua manifestação, o corpo velho – passa a ser menosprezado a partir da idealização de um corpo rejuvenescido, ativo e que todos podem ter acesso a partir das recomendações médicas, assim sejam seguidas.

Para Jean-Jacques Courtine (2011), essa forma de ridicularizar um outro corpo são resquícios de uma época a qual os “corpos anormais” e “os monstruosos”, serviam para o entretenimento das sociedades nos espetáculos circenses do século XIX. Entretanto, nos anos de 1970, teremos uma sociedade em que os conceitos de “monstruoso” e/ou “anormal”, já estão vencidos e ressignificados pelas pesquisas médicas realizadas a partir do século XIX.

As sociedades industriais, a partir do início do século XX, criam novos modelos de corpos deformados e *monstrificados*, uma vez que este século é marcado pela superexposição dos corpos em diversas áreas das relações humanas. Para COURTINE (2011, p. 294): “O monstro constituiria uma infração das leis ao mesmo tempo as regras da sociedade e a ordem da natureza. O monstro é “contra a natureza” e “fora da lei”. Neste caso, o corpo envelhecido passa a ser alvo dessa superexposição, celebrada pelos discursos etaristas- entendendo-se que o “*etarista*” se encontra ainda com um corpo jovem e vital- que se debruçam nas páginas de jornais e revistas, pontuando o quão passa a ser ridículo envelhecer em uma sociedade industrial. Ser velho não é natural quando se apresentam metodologias e

tecnologias que possibilite a conservação da juventude e da beleza, assim, como ser velho também não condiz com as novas regras que se estabelecem lentamente na sociedade. Ser velho é ser fora da lei.

Se na França do século XIX, a representação do “monstruoso” estava relacionada com as mais bizarras e diversas formas do corpo humano, nas sociedades de 1970, o conceito de monstruoso recai sobre os corpos que resistiam em não acompanhar os avanços clínicos, tecnológicos e científicos que estimulavam os indivíduos a cuidarem mais dos seus corpos. E partindo deste contexto, FILIZZOLA (1972, p. 452), afirma:

A civilização industrial, na qual vivemos, atua sôbre o homem desvalorizando a velhice por sua *obsolescência*, e a acusa por sua obsolescência *consentida*, não reciclada, não atualizada. Não é verdade que a civilização industrial investe contra o velho. Ela não agride ao velho por ter cabelos brancos ou pele enrugada. A civilização industrial investe, sim, contra os que mantêm ou defendem idéias obsoletas, anacrônicas e atrasadas. Investe contra os *que pararam no tempo*, contra os que não evoluíram e contra os que se negam a aceitar a ciência, a tecnologia e o destino ascensional das idéias em ação e do trabalho em realização.

A placa “*praça dos insepultos*¹⁰”, assim, se desenha como um convite ao espetáculo do corpo “*ainda jovem e forte*” do rapaz, diante do “*inativo e incapacitado*” corpo do sujeito que envelhece na sociedade. Isto porque, o mesmo periódico “O GLOBO”, do dia 17 de outubro de 1971, semanas depois de ter publicado a primeira reportagem sobre a “Praça dos Insepultos”, volta com uma matéria no seu “Diário de Notícias”, cujo título é “*Cidade dos Velhinhos: há uma rua sem saída chamada solidão*”, associando a imagem da velhice à solidão, ao abandono e ao desprezo por chegarem a essa fase da vida.

Em uma reportagem de 5 de Abril de 1972, o “Jornal do Brasil”, traz a seguinte manchete “*A arte de fazer monstros*”, apresentando um jovem maquiado de velho, de mãos sobre os cabelos, cobrindo com os braços metade do rosto, e com a aparência triste.

¹⁰ Vale ressaltar que a palavra “insepulto” vem do latim “*insepultus*”, que quer dizer: “não sepultado; que não foi sepultado”.



11

A partir da leitura imagética aqui exposta, nota-se que essa é a uma nova interpretação do “corpo monstruoso” das sociedades industriais da segunda metade do século XX, já que na mesma época, era crescente a procura por clínicas de tratamentos estéticos e produtos que ajudassem no *retardamento do envelhecimento* ou na *conservação do corpo* face aos efeitos do tempo. No corpo da reportagem é possível ler: “Os cirurgiões plásticos ficam felizes quando conseguem reduzir à metade a idade de uma cliente. Os maquiadores, ao contrário, lutam para triplicar a idade dos seus”¹². A partir daí podemos analisar duas coisas: 1- que o sujeito velho não tinha ou quase não tinha representatividade nos espaços da sociedade; 2- que o sujeito velho não tinha capacidade de representar a si mesmo, ao ponto de serem substituídos pelas máscaras dos “monstros”. Enquanto aos enunciados, aqui também expostos, destaca-se que começa uma verdadeira competição para quem caracteriza mais fidedignamente o sujeito em sua fase de envelhecimento, e quem irá conseguir mais prestígio e público no conceito social: se é o maquiador que monstrifica, torna bizarro, envelhece, ou os cirurgiões, que tem o poder de devolver a tão saudosa juventude, que afasta os estigmas da velhice e exerce seu controle sobre o tempo.

Para COURTINE (2011, p. 312): “O espetáculo e o comércio da monstruosidade não podia prosperar a não ser enquanto fosse fraco, ou quase inexistente, o vínculo de identificação do espectador com o objeto de exibição”. Neste sentido, a representação de um corpo jovem, envelhecido artificialmente, revela a atração que há a partir da não identificação do corpo do sujeito jovem com

¹¹ Foto de Evandro Teixeira. In: Jornal do Brasil. A arte de fazer monstros. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1972. [S/P]

¹² JORNAL DO BRASIL. A arte de fazer monstros. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1972. [S/P]

àquele que um dia irá desenvolver, seja para o público, ou para o ator que está se transfigurando. Pois:

Aquilo que sentimos da obscenidade do espetáculo, da degradação de seus atores, do caráter pornográfico da solitação visual, tudo isso era justamente o que atraía outrora os parisienses à procura de distração. Durante muito tempo, frequentaram esses espetáculos, não apesar de, mas principalmente *por causa* disso, movidos por uma curiosidade despreocupada ali onde só percebemos um *voyeurismo*¹³ doentio. [COURTINE, 2011. p. 286].

A obra de Mario Filizzola apresenta em sua capa um homem “velho”, cujas barbas e cabelos brancos cobrem parte do seu rosto tristonho e fadigado, formando sob o rosto do velho, o mapa do Brasil.



Partindo para uma análise mais comparativa, todos os casos já demonstrados aqui, tende a passar ao espectador/leitor, a sua própria ideia de *velhice*, *envelhecimento* e *ser velho* na sociedade brasileira da segunda metade do século XX. Indo mais além, na contracapa do livro, é destaque para a seguinte frase: “Os soldados velhos pelos seus serviços se fazem dignos de uma descansada velhice”¹⁴; frase essa que tenta buscar para os velhos brasileiros- representados pelo velho da capa- o protagonismo da luta por melhorias e reconhecimento dentro dessa sociedade, já que:

Apresentando fatos, formulando perguntas, expressando idéias e traduzindo o desejo do homem comum, teve o autor apenas o propósito de levantar ao plano da consciência individual e coletiva a *responsabilidade* pelo bem-estar da pessoa humana na idade da velhice. Ninguém mais hoje em dia quer

¹³ Sobre *voyeurismo* ver: COURTINE, J-J. O Corpo Anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: _____. *História do Corpo: As mutações do olhar. Século XX*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. P. 253-340.

¹⁴ (Conde de Resende, 5º Vice-Rei do Brasil. *Mensagem à Coroa Portuguesa*).

aceitar a responsabilidade pelo bem-estar da velhice: nem os jovens nem os velhos; nem o indivíduo nem a comunidade; nem a família nem o Estado. E a Velhice converte-se em uma carga demasiado pesada a desafiar os sentimentos e os costumes de todos os povos. (FILIZZOLA, 1972, p. 451).

A comparação entre as duas imagens, a exposta pelo “Jornal do Brasil” e a da capa do livro de Filizzola, tentam representar o óbvio: um corpo envelhecido, com seus cabelos e barbas embranquecidas, sem capacidades físicas suficientes de possuírem autonomia diante de si.

A diferença entre elas é que a primeira, tenta representar o velho como algo fora do comum, como se a velhice fosse algo monstruoso e por isso, ridicularizada. A segunda, estampa a necessidade de uma análise e atenção profunda para a realidade desses sujeitos, pouco ou quase nunca notado pela história e pela sociedade. Logo notamos um antagonismo de discursos, uma vez que um representa o discurso etarista- da ridicularização da velhice e do corpo envelhecido, a partir das mídias- e o outro, um discurso médico- que tenta legitimar a busca por melhores condições de vida na velhice e a valorização da busca do indivíduo por seu rejuvenescimento e/ou manutenção da jovialidade do seu corpo.

Mas ainda há uma outra questão a ser considerada: o sujeito velho, como estava diante desse fogo cruzado?

2. 4 - DISCURSO ETARISTA E DISCURSO MÉDICO-MIDIÁTICO: VELHICE E/É “RESISTÊNCIA” (?)

As influências dos discursos médicos na mídia, nos anos iniciais de 1970, foram contundentes em “reformular” e “formar” novos conceitos sobre o corpo envelhecido. A procura pelas clínicas de estética, cardápios adequados às condições de idade, a prática de exercícios físicos, tudo isto possibilitou novos olhares dos indivíduos sobre os seus corpos, principalmente, ao que se refere a manutenção da juventude e do rejuvenescimento. Agora, como explica (ARAÚJO, 2008, p. 38), “os mecanismos de controle, não deixaram de existir. Imposição agora pode ser a lei, mas sim, dos próprios indivíduos que seguem, procuram e aceitam a criação de um autocontrole em relação a seus corpos”. Por outro lado, como toda “imposição”, sempre insurgem contra ela, indivíduos que não aceitam se submeter a determinadas situações, principalmente quando este controle ultrapassa os limites

da própria identidade. Para FOUCAULT (2008), este exercício é possível a partir da percepção de poder que o indivíduo identifica em si mesmo, dado o confronto com um primeiro poder imposto, pois:

o poder não se concentra completamente nos aparelhos ideológicos do Estado, mas se organiza em uma microfísica, diluídos em todas as relações na forma de micro poderes, o que garante maior eficácia do controle e propagação da ordem social.

Sobretudo, os indivíduos, ao se auto perceberem detentores destes micro poderes¹⁵, passam a exercê-los como forma de resistência, promovendo os seus discursos, saindo de um campo de passividade, em que são controlados pelas instituições – ou Estado- e passam a exercer um poder ativo, equiparando-se ao poder das próprias instituições, como mostra a seguinte reportagem de 29 de novembro de 1973, em que no título da matéria, lê-se: “*Em defesa do velho*”. Na verdade, a matéria se trata do seu Olavo de Sá, que mesmo sem revelar a sua idade, escreve ao Jornal com o intuito de convencer os escritores de telenovelas a pararem de representar o velho sempre de “maneira ridícula” e “motivo de chacota”, como são retratados.

Sou um velho e como tal não posso deixar de protestar, em meu nome e no dos meus contemporâneos contra o menoscabo, a maneira ridícula como somos tratados pelos escrevinhadores de novelas e outros programas pseudo-humorísticos, onde servimos de chacota, de motivo para risos de telespectadores de mau gosto. Os cabelos brancos, o peso dos avultados anos indica muito sofrimento, muita luta e devem merecer maior consideração ou ao menos piedade cristã de parte dos escribas mal-avisados. Lembrem-se eles que o tempo passa inexoravelmente, que suas existências serão prolongadas pelos progressos da geriatria e quão doloroso seria para eles serem, nos seus últimos dias, alvo das setas do ridículo, motivo para gargalhadas. (Olavo de Sá Pires- Jornal do Brasil, 1973).

É explícito a indignação do seu Olavo com a forma com que são retratados na TV. E “em seu nome e em nome dos que ele se sente representando”, que estão em uma mesma situação de envelhecimento do corpo e que não “se sentem representados” pelos discursos difundidos pelos veículos midiáticos, ele decide agir. Ele age “em um contexto em que a identidade do indivíduo é delimitada pela sua capacidade e posição no trabalho, cria-se então uma imagem de velhice que é fortemente associada à incapacidade” (PEREIRA, 2017, p. 102). Ele age sem culpa por seu envelhecimento, e ver nos indícios sobre o corpo os sinais de uma vida

¹⁵ Sobre este assunto é necessário a leitura de Foucault, M. **Microfísica do Poder**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

inteira de trabalho: as rugas, os cabelos brancos, a solidão e o descaso advindos com a idade, nada disso se faz estranho para ele, mas sim, a forma como são retratados.

Outro ponto interessante desta carta é a não sensação de acolhimento pela Geriatria. Seu Olavo, como muitos outros, desconfiam da Geriatria e de seus métodos a serem utilizados contra a natureza da velhice. O avançar da idade para ele é natural, e as consequências do envelhecimento do corpo também. As doenças as quais são atribuídas a velhice em certa idade, nada mais são do que “frutos” dos esforços exagerados durante a mocidade, de trabalho e falta de tempo para “a vaidade”. A Geriatria, não só representa a distância da natureza do indivíduo com o seu envelhecimento, como também expõe o corpo rejuvenescido ao ridículo, pois não tem como vencer o avançar da idade, já que:

Os problemas ligados à velhice passam a ser tratados como um problema de quem não é ativo e não está envolvido em programas de rejuvenescimento e, por isso, se atinge a velhice no isolamento e na doença, é culpa exclusivamente dele, (do velho). (DEBERT, 2012, p. 229) (GRIFO NOSSO)

Seu Olavo volta a escrever novamente em uma outra carta publicada em 25 de janeiro de 1974, com o título de “*o vernáculo nas novelas*”, que atribui a crítica de seu Olavo a linguagem utilizada na construção da imagem do velho nos folhetins. Na carta, a crítica se dirige, principalmente, aos sujeitos que são acompanhados de tratamento estético, em que os indivíduos podem até controlar o envelhecimento exterior do corpo, retardar ou modificar a sua aparência física, mas, jamais evitará as consequências do avançar da idade:

Reitero reclamação contida em carta anteriormente dirigida a esse conceituado jornal, já que permanecem as falhas nela apontadas. Os escritores de programa para televisão (a maioria deles de enredo medíocre e escritos em mau vernáculo) persistem em retratar nos mesmos os velhos como personagens caricatos, motivo para chalaças provocadoras de risos da parte de uma platéia desumana. Atentem eles em que as deficiências de memória que se encontram em ancião são oriundas de um processo mórbido, de manifestações de arteriosclerose cerebral e deviam, em consequência, merecer de sua parte profunda piedade e não razão para fazer humorismo barato. (Olavo de Sá Pires- Jornal do Brasil, 1973).

No caso das cartas aqui analisadas, percebemos que a resistência dos indivíduos velhos em não aceitarem a forma como estavam sendo retratados em determinados espaços midiáticos, é um assunto que também passa a buscar os espaços de Jornal do Brasil, com o objetivo de agraciar a opinião pública, e chamar

a atenção daqueles que se sentem “confortáveis” com seus corpos em sua velhice, na tentativa de denunciar “a cultura do etarismo” estabelecida, desde uma reportagem nos jornais e revistas à uma telenovela.

Este sentimento de revolta, denuncia aqui, a ideia etarista a qual os veículos midiáticos estavam submetidos. Ao mesmo tempo que há a busca da ridicularização do corpo envelhecido oferecido no “picadeiro” das TV’s, teatros, revistas e jornais, havia a não aceitação destes discursos pelos indivíduos velhos que buscavam por respeito e uma ressignificação de sua identidade. Por isso o apelo de Seu Olavo, afim de que faça perceber que um dia, estes indivíduos poderão estar em uma mesma situação, se não igual, pior do que a dele, uma vez que Seu Olavo dar-se a entender que, os indivíduos podem até contar com os recursos eficazes possibilitados pela Geriatria, para preservarem os seus corpos, mas nunca conseguirão reverter o estado de espírito que recaí nesta fase da vida:

[...] Lembrem-se também que aqueles escrevinhadores que, apesar dos progressos da geriatria, em data talvez remota, mas certamente acontecerá, terão seus cabelos encanecidos, sua inteligência entrará em colapso, seu raciocínio se obscurecerá e sentirão grande sofrimento ao presenciarem os da sua classe, seus contemporâneos, serem atirados como pobres palhaços, infelizes histriões, para gáudio da multidão empedernida, na melancólica arena da vida”. (Olavo de Sá Pires, *Jornal do Brasil*. 1974).

Partindo da análise do discurso intrínseco da obra de Mario Filizzola (1972), para o mesmo, o etarismo é um mal a ser combatido, uma vez que os discursos etaristas se consolidavam cada vez mais nos espaços midiáticos e sociais. “Só é possível fazer uma análise dos discursos porque eles têm uma existência material, porque eles contêm as regras da língua, de um lado, e aquilo que foi efetivamente dito, de outro.” (SERGENTINI; BARBOSA, 2004. p. 12). Entretanto, se faz necessário uma atenção para a análise do discurso sobre o etarismo na visão de Filizzola, uma vez que o seu livro toma uma conotação de *parcialidade* e *personalidade*, já que o mesmo é pensado como uma reação à expansão e aceitabilidade dos discursos etaristas no corpo social. No prefácio da sua obra, FILIZZOLA (1972, p. 15), diz:

Etaristas, usando seus cargos em favor de seu preconceito, chegaram mesmo ao ponto de fazer calar a voz que se levanta no Brasil através da imprensa em defesa dos Direitos da Velhice. E o etarismo venceu: o gerontólogo deixou de escrever para os jornais. Mas, os não-etaristas e os jovens merecem receber um relato histórico que lhes permita acompanhar através da História do Brasil a marcha do processo evolutivo dos

sentimentos em favor da valorização da Pessoa Humana na idade da velhice. (FILIZZOLA, 1972, p. 15).

A partir da leitura do trecho acima, destaquemos aqui, então, uma dualidade do discurso sobre a velhice e o corpo envelhecido, em que por um lado, o discurso médico busca qualificar o velho como um sujeito merecedor de cuidados e respeito nos espaços sociais, com direitos e deveres como os demais sujeitos jovens em sociedade; e, por outro, o discurso etarista, que não só desqualifica e ridiculariza o corpo envelhecido nas sociedades industriais, mas que representa a morte prematura do corpo velho, excluindo-o, menosprezando-o e silenciando-o. De maneira mais direta, tornando-o *insepulto* em favorecimento da *medicina estética* e dos *mercados de produtos de rejuvenescimento*¹⁶ que ganhavam, cada vez mais, espaços e consumidores na sociedade de época, mesmo sobre a resistência de velhos e velhas como seu Olavo, que se mantinham fiéis ao processo natural de seu envelhecimento.

Existe uma supervalorização do corpo, mas este corpo precisa ser belo, estar dentro dos padrões apontados como ideais. Se a imagem produzida for diferente da aclamada, o corpo se tornará sinônimo de vergonha, infelicidade, baixa autoestima. (ARAÚJO, 2008, p. 150).

A existência dessa dualidade de discursos produzidos, intensificaram as relações sociais e os debates que passaram a ser promovidos, a partir de então, sobre a necessidade de cuidar dos sujeitos envelhecidos e a de se criar espaços que acolhessem estes sujeitos cujo silêncio já se fazia gritante na sociedade brasileira da década de 1970. Pois:

A produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1972, p. 9).

Se os etaristas utilizavam-se da mídia como a sua metodologia de ampliar e difundir os seus discurso em detrimento dos discursos médico-geriátrico, Mario Filizzola mapeia e seleciona determinados documentos e personalidades históricas para legitimar o seu discurso e denunciar a contramão seguida pelos etaristas – da valorização da figura humana a partir dessas personalidades, a exemplo do Duque

¹⁶ Assunto que abordaremos na segunda parte deste trabalho.

de Caxias, ao qual o autor dedica a sua obra¹⁷- diante do silêncio e da desvalorização dos sujeitos envelhecidos.

Dedicado aos estudos da História da Gerontologia do Homem Brasileiro, de 1793 a 1971, êste despretenso trabalho não possui mérito algum a não ser funcionar como registro histórico a ser consultado pelos jovens estudiosos do futuro e, por êsse motivo, merece envelhecer em paz no silêncio das bibliotecas. E quem fugiria da autenticidade de sua época no Brasil de nossos dias para cuidar de envelhecimento e gerontologia, ou de velhice e geriatria? Que interessa o envelhecimento se não é sentido como dor lancinante? Que significam os velhos se, como minoria que são, em nada poderão ameaçar alguém? (FILIZZOLA, 1972, p. 16).

A partir deste pequeno trecho, percebemos então que os discursos atrelados à velhice durante os quatro primeiros anos da década de 1970, apresentavam uma dualidade muito tensa no qual o discurso etarista buscava criar uma consciência restritiva ao corpo velho e materializar uma prática social da busca pela estética, da prevenção ao envelhecimento, do rejuvenescimento do corpo e da conservação do corpo “esbelto” da pessoa jovem, promovendo o controle e a disciplina, criando nos sujeitos, uma consciência do cuidado consigo mesmo; e o da Gerontologia ou/e da medicina - sob a representação da obra de Mario Filizzola- buscava materializar uma consciência crítica acerca da construção dos olhares da sociedade para o tema da velhice e dos sujeitos velhos, mesmo que a sua “esperança” se destinasse aos estudantes dos temas, aqui explorados, décadas depois.

Contudo, a leitura dessa primeira parte, atenta para a compreensão de que a velhice, queira ou não, esteve, neste início dos anos setenta, intrinsecamente relacionada com a “inatividade” do corpo envelhecido. Resultado de um discurso etarista nos meios midiáticos, que apelando para a insurgência de novos mecanismos sociais, impulsiona um novo sentido e novas configurações para a mudança na dinâmica social sobre os corpos em processo de envelhecimento. Assim, sendo, constroem os indivíduos, novas subjetividades e tecnologias próprias que o diferenciam de outros indivíduos que também em seu processo de envelhecimento, mas que não conseguem obter o êxito do retardamento das consequências da velhice em seu corpo, como veremos a seguir.

¹⁷ “Ao ínclito Duque de Caxias, por seu Humanismo à Velhice com a maior admiração, dedica O Autor”. (IN: FILIZZOLA, 1972. Dedicatória).

3- “ESTÁ NA HORA DE MUDAR DE CORPO”: QUESTÕES DE GÊNERO, PLÁSTICA E CUIDADO DE SI.

Como vimos no capítulo anterior, mesmo com toda a crítica instituída por Filizzola aos silêncios estabelecidos pela mídia aos assuntos ligados à velhice, é notório que a partir dos primeiros anos da década de 1970, a velhice começa a ganhar campos nos debates sociais, de maneira lenta, mas precisa, ao ponto de alavancar a atenção não só dos grupos midiáticos, como também de setores abastados da sociedade brasileira da época. O motivo? A busca pela “eterna juventude” ou pelo menos, a manutenção da mesma.

Para melhor pensar esta questão, recorremos a uma matéria da Dra. Doris Melo Carvalho, na coluna “Conselho Médico JB”, com o título: “*Um rosto novo: a plástica que todos querem*”¹⁸, em que a Dra Doris apresenta uma nova técnica cirúrgica de rejuvenescimento facial, a *Ritidoplastia*, em que consiste na remoção parcial das rugas, a correção da flacidez da pele facial e a retirada da pele excedente. Mesmo não prometendo fazer milagre e denominando este novo método de “cirurgia paliativa”, a doutora não poupou palavras na defesa deste novo aliado que insurgia contra a velhice:

[...] O processo de envelhecimento ocorre em toda a pele do corpo, mas, como a face e o pescoço são as partes mais visíveis, o paciente recorre ao cirurgião, normalmente, para rejuvenescer essas áreas. [...]. Não há idade precisa para se operar um paciente, uma vez que o envelhecimento está na dependência de fatores genéticos e hormonais, condições climáticas, econômicas, raciais, efeitos de doenças e drogas, problemas emocionais, etc. Achamos apenas que, quando o indivíduo já se apercebe de que está perdendo seu aspecto jovem, seja pelo aparecimento de algumas rugas, seja por um queixo duplo ou papada, ou uma certa flacidez facial, deve procurar um cirurgião plástico, para que ele o aconselhe se deve ou não operar, e qual o tipo de cirurgia que iria beneficiá-lo, se fôsse o caso.[...] (CARVALHO. D. M. In: JORNAL DO BRASIL, 1974, P. 2)

A partir da leitura de parte desta matéria, é fundamental destacar dois aspectos: primeiro o da velhice que começa a adentrar nos espaços midiáticos a partir dos cirurgiões plásticos, que passam a tratar o processo de envelhecimento como algo pejorativo, feio e que deve ser combatido. E o segundo, que a promessa de um rejuvenescimento rápido, eficaz e duradouro, é a nova ostentação que passa

¹⁸ CARVALHO, Dr^a Dóris Mello. Um rosto novo: a plástica que todos querem. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15- 16 de jan, 1970, Revista de Domingo, Conselho Médico JB, p. 2.

a ser pregada pelos espaços midiáticos, criando novas formas de educar os corpos, e o aparecimento de uma nova demanda comercial.

Mas para que isto ocorra, há um movimento que começa a ser grossamente exercido pela mídia e pela medicina que é a promoção dos discursos, os quais, na mesma medida que se apresenta uma nova ideia de rejuvenescimento – comparando o corpo velho ao jovem-, se faz necessário reforçar a importância de intervenções no combate ao envelhecimento. O objetivo é simples, é convencer que ser “velho” em uma sociedade industrial, é algo ruim, feio e anormal. Segundo ARAÚJO (2008, p. 86): “A mídia e a produção da beleza organizam discursivamente o culto ao corpo. De um lado, encontra-se a mídia, de outro lado, a indústria da beleza difundindo a prática do culto ao corpo”.

A partir deste movimento de “*monstrificação*” da imagem do corpo envelhecido, percebemos que o periódico “Jornal do Brasil”, passou a buscar em seus enunciados a forma mais eficaz de incomodar os indivíduos em relação ao seu corpo. Em um sentido mais amplo, os enunciados passaram a ganhar poder sobre os indivíduos à medida que os mesmos passaram a destacar a importância de estarem atentos aos sinais do corpo para a chegada do envelhecimento e as suas consequências, como podemos notar na reportagem de 7 de Janeiro de 1970, em que o título da reportagem anuncia: “*É bom dosar o sol de cada dia*”, em que o enunciado por si só, já denuncia a forma, já não mais do controle, mas do educar, que passa a ser exercida sobre os indivíduos para com seus corpos, a partir desta década.

Neste sentido a mídia se coloca em instância de produção do corpo porque desenvolve uma pedagogia voltada para a educação dos corpos de homens e mulheres, de jovens e velhos. (ANDRADE, De. 2003, P. 119 Citado por ARAÚJO. 2008, p. 86)

O termo afirmativo “*É bom...*” ganha uma conotação de imposição, com sentido de uma punição a ser sofrida caso o indivíduo não “dose o sol de cada dia”. O resultado deste descuido, assim afirma o Jornal, será um envelhecimento precoce, principalmente quando se trata das moças mais jovens, pois: “[...] uma exposição prolongada ao sol, faz com que o sangue afluja à pele e ela aumenta de volume.”¹⁹ Os cuidados devem ser agora redobrados, pois o tempo e a natureza

¹⁹ No corpo da reportagem lê-se: “Não se confie nas mais jovens – aos 18 anos nada acontece imediatamente a quem abusa do sol, mas para estas o envelhecimento será precoce. Uma exposição

começam a devorar os seus indivíduos, como o Cronos devorava os seus filhos, na mitologia grega.²⁰ A natureza passa a ser contrário a genética, e a genética passa a ser o norte a ser tomado para quem quer “viver mais”, “belo” e “saudável”. Nos discursos que passam a ser construídos, “[...] enuncia-se que para ser bela é preciso esforço. A beleza será alcançada se alguns conselhos e cuidados forem tomados”. (ARAÚJO, 2008, p. 25), mantendo sempre a vigilância e a disciplina até mesmo em seus momentos de lazer.

Quando a norma não é mais fundada sobre a disciplina e a culpa, e sim sobre a responsabilidade, e a iniciativa, aqueles que não conseguem ser responsáveis e ter iniciativas são considerados insuficientes. (SANT'ANNA, 2001, p. 26).

Essa disparidade com que as matérias de o Jornal do Brasil, vincula não só as ideias de que a juventude deve manter a conservação dos seus corpos, mas alimenta também um imaginário que submerge a realidade do sujeito que envelhece na sociedade, “ele acha natural substituir o direito à saúde pelo o direito de não mais morrer [...] depois, do direito ao rejuvenescimento, o direito à permanência”. (SANT'ANNA, 2001, p. 26). Pensando assim, a velhice, e/ou o corpo envelhecido, começam a ser segregados aos poucos, a medida que estes discursos avançam e ganham a atenção do sujeito ao se relacionar com o Jornal, legitimando um padrão de corpo já pré-estabelecido e deslegitimando um outro, já ultrapassado e que deve ser esquecido.

Em 15 de janeiro de 1970, O Jornal do Brasil traz a seguinte reportagem: “*Era uma vez uma estrela*”. A matéria trata da atriz italiana Gina Lollobrigida, em que destaca:

Da exuberância da primeira pose e das fotonovelas (1948) à realidade de agora. Os pés-de-galinha e o próprio modo de andar mostram a passagem dos anos na vida de Gina. O noivado com o milionário Kauffman foi uma grande frustração. [...] É uma evidência: Gina Lollobrigida entrou naquela fase de decadência irreversível que chega após a meia-idade. Os sinais exteriores são a gordura e os pés-de-galinha – é impossível saber se há cabelos brancos, pois ela os pinta cuidadosamente. Os sinais interiores são as atitudes diante do mundo: a condenação da mulher americana por sua independência, o elogio à mulher européia por sua dependência, a condenação da minissaia “porque acaba com os mistérios”. O sinal maior, ela mesma mostra, sem saber: “Quem compra minhas jóias sou eu. Os

prolongada ao sol, faz com que o sangue afluia à pele e ela aumenta de volume.” (JORNAL DO BRASIL. 7 de Janeiro de 1970)

²⁰ Na mitologia grega, Cronos é um deus que representa o tempo, que em sua simbologia Cronos (tempo), “traz fim a todas as coisas que teve um começo”. (BULFINCH, 2015. p. 16).

homens já não são gentis como antigamente.” Agora vem o episódio da publicação de suas cartas amorosas a Christian Barnard e ela explode: “Vou processar todo mundo”. (JORNAL DO BRASIL. 15 de Janeiro de 1970)

Mesmo se tratando de uma atriz italiana e de reconhecimento mundial, o caso de Gina é utilizado como exemplo prático dos males que podem chegar junto com a velhice. O avanço da idade é tratado aqui, neste jornal, como a principal causa de tudo de ruim que está acontecendo com a atriz: a separação do marido, as deformações do corpo como os “pés de galinhas” e as gorduras, a deformidade no andar, a frustração no noivado com o “milionário Kauffman”, a falta de gentileza masculina, uma carreira promissora que ficou para trás. Tudo resultado do passar do tempo. Com isso, passa-se a alimentar no âmbito social a ideia de que, principalmente as mulheres, estão susceptíveis a determinadas situações, caso não estejam adequadas aos novos padrões corporais que começam a ser incorporados na sociedade a partir da propagação dos discursos médico-estéticos, difundidos pelas mídias. Neste caso, Gina é o resultado da juventude malcuidada, desperdiçada e que agora colhe os frutos de seu mal envelhecimento.

Esse discurso, só tende a fortalecer o imaginário de que a saída – não só para Gina, mas como também para as mulheres que “sofrem” com a chegada desta fase da vida - é buscar por mecanismo que retarde o mais rápido o avançar da sua idade e combater os efeitos que maculam o seu corpo, já que “a pintura do cabelo” e o “uso da minissaia”, a sua auto suficiência financeira, frustram a preocupação em “não revelar” a sua idade real, sendo por isso, tratada como uma mulher desesperada, frustrada e solitária pelo Jornal²¹, que expõe especificamente o seu envelhecimento como uma fase da vida incapaz de proporcionar-lhe um prazer de estar-se e sentir-se bem consigo mesmo.

A prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve deles cuidar, seja por si mesmo, seja por alguém que para isso tem competência. Cada um deve descobrir que está em estado de necessidade, e que lhe é necessário receber medicação e socorro. (FOUCAULT, 2014, p. 74)

A ideia do Jornal do Brasil, é incentivar nos indivíduos uma reflexão sobre as necessidades do cuidado com o corpo, da busca pela saúde, da beleza e a

²¹ Para mais detalhes, ler a reportagem completa em: JORNAL DO BRASIL. **Era uma vez uma estrêla**. Jornal do Brasil, Rio de Jan. 15-16 de março de 1970.

proporção de um bem-estar pessoal. Mas o jornal, deslumbra também atingir outra questão: fazer com que os indivíduos permaneçam sempre ativos, jovens e bonitos, tendo em vistas o *boom* econômico²² que a década de 1970 proporcionou ao mundo, e em determinados momentos, também ao Brasil, ampliando o mercado de consumo, principalmente de produtos estéticos, cosméticos e, desenvolvendo, porém, uma vulnerabilidade para mudanças socioculturais.

Compreende-se, então, que o mercado objetivava criar uma nova categoria de consumidor. Os indivíduos em processo de envelhecimento passam a ser pensados, por fim, como um público em potencial de consumo destes novos produtos que chegam no mercado, o que possibilitou o desenvolvimento da “indústria da beleza” (ARAÚJO, 2008). Então podemos identificar os seguintes movimentos: O indivíduo passa a ser responsável pela conservação e/ou rejuvenescimento do seu corpo, alongando porém, a sua estadia nos espaços de convivência social e bem-estar pessoal; o mercado passa a ser responsável por oferecer tecnologias que possibilitem os indivíduos a combaterem o seu envelhecimento; as ciências do envelhecimento – Geriatria e Gerontologia – passam a ser responsáveis em educar os indivíduos para que tenham um “bom envelhecimento”; e a mídia passa a pontuar as questões de envelhecimento como algo de interesse público, dirigindo os indivíduos para as áreas de consumo, legitimando determinadas práticas na retomada da juventude e excluindo os indivíduos que resistem ou não se adaptam a esta nova maneira de vivenciar o avançar da idade.

Aqueles que adotam uma postura inativa são automaticamente marginalizados e se tornam ‘inúteis ou peso morto’, pois não trabalham, ganham pouco ou nada e, muitas vezes, dependem totalmente de terceiros. Nesse sentido, envelhecer significa perder espaço social e estar condenado ao isolamento. (LEÃO; EULÁLIO, 2011, p. 202)

A idade, em si, passou a ser um problema que deve ser superado pelos indivíduos desta “nova era” que se desenhava para os sujeitos nessas sociedades. Com isto, se faz necessário ampliar os espaços de fala para os conhecimentos

²² Em contexto mundial, o mundo vivenciava a disputa econômica e ideológica entre Estados Unidos e União Soviética, que permitiu o desenvolvimento de países que se industrializavam, como no Brasil, com a criação das estatais de Petróleo. Para saber mais sobre isto, faz-se necessário uma leitura atenta de HOBBSBAWN, E. **A era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.

médicos, e adentrar com os discursos nas suas individualidades, dando a si mesmo, mecanismos para a construção de novas subjetividades.

Para DEL PRIORE (2011, p. 9): “A idade cronológica funciona como um critério de atribuição de *status* nas sociedades modernas”. Isto requer dizer que, enquanto mais velho o indivíduo for, mais distante de ter uma vida social se torna, já que no avançar da década de 1970, um “corpo rejuvenescido” vai se estabelecendo como “corpo modelo” para a sociedade brasileira de época.

A mídia construiu este padrão de beleza e a partir daí todos se sentiram na obrigação de aderir ou não, para não ficar de fora do chamado socialmente aceito. Entretanto, há uma questão que não quer calar: a maioria não se encaixa no “modelo”. Logo, trata-se de algo feito ou pensado para uma minoria, enquanto restante luta desesperadamente para atingir o que se espera dele ou simplesmente ignorar os padrões e segue a vida. (DEL PRIORE, 2011, p. 9)

O Jornal do Brasil, portanto, anuncia que Gina estava sendo devorada por Cronos, que a mastiga sem piedade, e a deixa cada vez mais longe da vida brilhante que outrora desfrutou em sua saudosa juventude, nas telas dos cinemas. Agora para Gina, cabe apenas o silêncio que deve ser instituído longe dos palcos, da TV, das mídias e da vida, que poderia ter sido evitado, segundo o jornal, caso ela tivesse se prevenido do seu envelhecimento durante a sua juventude.

Este silêncio que recai sobre os sujeitos envelhecidos, é bem mais cruel com as mulheres, em comparação a velhice masculina. “A mídia comumente, banaliza os discursos voltados para a beleza e a juventude feminina através da remodelagem dos corpos” (ARAÚJO, 2008, p. 164). Para uma melhor análise, fazemos uso de duas reportagens que falam sobre a procura das intervenções estéticas por homens e mulheres, e de como cada indivíduo é caracterizado ao procurar o tratamento.

A primeira reportagem é de 31 de janeiro de 1970, em que o Jornal do Brasil traz uma matéria com o título: “40 anos, e agora?”. A matéria foi escrita pela jornalista Teresa Barros - que apesar do título, não revela a sua idade-, em que a repórter busca discutir os problemas enfrentados pelas mulheres, principalmente quando se deparam com a chegada dos seus 40 anos. Teresa é enfática em elucidar todo o peso da velhice feminina como responsabilidade unilateralmente da própria mulher. Para Teresa:

"No jôgo de idade e do envelhecimento, aos homens tudo se perdoa; às mulheres, nada. Apesar da calvície, da carteira de identidade e da pouca maleabilidade nos exercícios físicos, êles ainda parecem agradar, sobretudo às jovens. [...] Quando falamos em velhice ou decrepitude masculina, não nos importa que nossos maridos e amigos sejam velhos, mas homens. O mesmo não se dá em relação às mulheres: todos sabem que a maturidade masculina sempre contou ponto, mas, quanto à feminina, nada se diz a respeito. [...] Ser mulher, segundo o conceito latino, é ser desejável. Então, ao aproximar-se dos 40 anos, a mulher latina põe-se diante de uma trágica realidade: já não é desejável, já não possui elasticidade, a maleabilidade do corpo de outrora, não é mais mulher, portando. (BARRATOS. T. in: JORNAL DO BRASIL. 31 de janeiro de 1970)

Ao pensar sobre estes discursos, faz necessário promover uma reflexão que vai muito além dos enunciados expostos pela repórter: é a sensação de que ao homem tudo se permite, e que sobre ele, nem mesmo o tempo pode exercer um poder maior que o seu. Já a mulher, a sensação é de penalidade. Ela é culpada pela perda da "sua flacidez", por "suas rugas", por "sua decrepitude" e pela "traição do marido". Ela não se esforçou o suficiente para manter a harmonia do seu lar, do seu casamento, do seu corpo, da sua vida. E diante de tudo isto, ela perde os critérios essenciais para "ser mulher". Ela já não é mais mulher, ela já não pode mais dizer que "ela pensa como mulher", e "age como mulher", o que legitima ser trocada, caso for, por uma "mulher mais jovem", pois já não tem a sensualidade, a beleza, a jovialidade necessária para "ser mulher de verdade".

Teresa também se transporta para o seu próprio texto, ao sempre empregar os termos na primeira pessoa do plural, "nós". Percebemos assim que, a mulher aqui, é a principal e única responsável pelo que venha a acontecer com ela em sua velhice, e que esse contexto ultrapassa os limites das individualidades pessoais e se estabelece como norma social de uma realidade que não recaia só em cima da mulher na sociedade brasileira, mas, como exposto na reportagem, era uma realidade da "mulher latina", em seu contexto geral, principalmente quando é lançado o desafio de continuar "amando e ser amada".

[...] com relação a beleza feminina no Brasil, seguir um padrão tem sido prática mais comum. Não existe liberdade tão explícita para as mulheres. Elas precisam se enquadrar dentro de um modelo para serem consideradas belas, saudáveis, jovens, magras, ativas. (ARAÚJO, 2008, p.112).

Isto incentivará a busca desenfreada pelos tratamentos de estética, mesmo após a própria Teresa assumir que isto: "não seja o suficiente para que a mulher possa continuar atraente" (BARRATOS. T. in: JORNAL DO BRASIL. 31 de janeiro de 1970), o que impulsionará a busca por dietas e vitaminas que possibilitem vigor e

manutenção de sua aparência juvenil e, a atenção para as novidades e descobertas proporcionadas pela medicina- geneticista, a exemplo dos tratamentos feitos a partir do uso de vitamina B e outras, como exposta na reportagem de 21 de agosto de 1971, em que o Jornal afirma:

Uma vida ativa, saudável e bem motivada é a condição fundamental para se envelhecer de maneira correta. O principal cuidado deve ser com os alimentos, evitando-se certas substâncias tóxicas, como acroleína, que se forma ao serem fritadas gorduras animais. Por exemplo, quem tem o hábito de comer frituras na manteiga está lesando seus capilares; os que gostam de batatas fritas prejudicam a elasticidade dos tecidos: o gosto pela feijoada será pago com rugas e varizes, não por causa do feijão, mas de enorme quantidade de gorduras que o acompanham. Alimentos frescos, bem conservados e ingeridos sem exagero são os segredos para um envelhecimento não prematuro. (JORNAL DO BRASIL. 21 de agosto de 1971)

Pensemos então, que toda esta tabela de regras é destinada principalmente para as mulheres, uma vez que as mesmas tinham, aqui no início de 1970, estilos de vida totalmente diferentes da dos homens. Se atribuem a mulher serviços domésticos, de pouco esforço e principalmente, susceptível ao sedentarismo. Ao homem, é atribuído um estilo de vida mais dinâmico, movimentado e de baixa possibilidade de acúmulo de gorduras em seu organismo. Já não é permitido mais a mulher comer a sua batata frita, sua feijoada nos finais de semana, e em muitos casos, nem mesmo sair ao sol em determinados horários. O uso de cosméticos, protetores solares, shampoos e outros produtos, passam a ser buscados como alternativas para manter sempre uma boa conservação do corpo, e principalmente, retardar o envelhecimento.

“Os cosméticos tornaram-se acessórios praticamente obrigatórios para as mulheres de diferentes idades até mesmo para os homens, que também foram seduzidos pelo universo da beleza” (ARAÚJO, 2008, p. 109).

Partamos para a segunda matéria selecionada, datada em 21 de janeiro de 1973. Esta matéria trata exclusivamente da procura e oferta do mercado estético para o público masculino e receptividade que a estética tem desse público. Nesta matéria, é notável, talvez até cômico, como até mesmo em relação à procura de cirurgias plásticas, a tentativa é de convencer o homem de sua “intocável virilidade”. No corpo da reportagem, lê-se:

Por preconceitos e medo de má interpretação, o homem sempre escondeu a sua vaidade. Ser jovem e belo era um desejo secreto. Mas hoje, quando a cirurgia plástica deixa de ser uma simples ação corretiva, a vaidade masculina não tem por que esconder-se. Ao que se sabe, ninguém perde

sua virilidade por desejar ser tão-somente jovem e belo. (JORNAL DO BRASIL. 21 DE JANEIRO DE 1973)

Diferente da mulher, o jornal apresenta o homem como um ser que não precisa ter cuidado com a perda dos *status* que possa advir com a chegada da velhice. Ele continuará com a sua família, com a sua esposa, e é dado a liberdade de continuar comendo a sua feijoada e suas batatas fritas. A única responsabilidade que recai sobre ele é exatamente reivindicar o "seu direito" de continuar belo, jovem e viril, e ainda por cima, isto deve ser visto como um ato de "libertação masculina", como exposto na reportagem:

[...] O cuidado com a aparência era visto como característica do sexo feminino e ao homem cabia desenvolver os chamados valores interiores, como a inteligência e firmeza de caráter. A mulher, o direito de valorizar o máximo sua aparência em detrimento, muitas vezes, de interesses mais importantes. Mas, com toda a sociedade preocupada em preservar, de forma cada vez mais acentuada, os valores da juventude e da vitalidade, tanto a mulher como o homem foram sendo bombardeados por conceitos que os obrigam a permanecerem jovens e atraentes. [...] O Dr. Altamiro da Rocha Oliveira comenta a libertação masculina: - Há dois ou três anos, ainda era raro encontrar um homem totalmente descontraido, entrando num consultório para fazer plástica, sem uma certa inibição. Agora, a maioria admite sua vaidade e não intimida com isso. Ele compete no mesmo nível que padrões de beleza que a mulher. Quer estar mais jovem, com o rosto rejuvenescido, com os defeitos corrigidos e absolutamente invisíveis. (JORNAL DO BRASIL. 21 DE JANEIRO DE 1973)

Mas o Dr. Altamiro da Rocha esqueceu de um detalhe importante: não é dado a mulher o mesmo critério de liberdade, muito menos o poder de "atração" que é dada ao homem, como já foi exposto pela Teresa em outra oportunidade²³:

Nos homens, o tempo que passa não destruiu a boa forma; para as mulheres, os discursos sempre associam a presença de rugas à falta de um cuidado de si, à feiura e ao envelhecimento. Não se fala em ruga feminina como charme, mas como problema que deve ser combatido. (ARAÚJO, 2008, p. 229)

Merece destaque, também na fala do Dr. Altamiro da Rocha, a diferença cronológica em que é possível notar as mudanças nos aspectos socioculturais nos indivíduos. Ou seja, a procura dos homens pelo mercado estético denuncia a sedução que a mídia apresenta os tratamentos de rejuvenescimento e a importância do mesmo para que os indivíduos possam viver um bom momento durante a velhice. Notamos também, que os discursos médicos-midiáticos, inaugurados no início da década de 1970, estavam sendo incorporados com maestria ao ponto de fazerem

²³ “[...] Ser mulher, segundo o conceito latino, é ser desejável. Então, ao aproximar-se dos 40 anos, a mulher latina põe-se diante de uma trágica realidade: já não é desejável, já não possui elasticidade, a maleabilidade do corpo de outrora, não é mais mulher, portanto”. (JORNAL DO BRASIL. 1973)

com que os indivíduos rompessem com as próprias barreiras que não os possibilitavam a procurar pelos tratamentos estéticos.

Em outras duas reportagens, uma de 08 de fevereiro de 1973 e outra de 09 de junho de 1973, o jornal vai tratar do processo de rejuvenescimento em que o ex-ditador argentino Juan Domingo Peron foi submetido na Romênia. A tentativa aqui do Jornal, é de convencer aos homens de que a cirurgia plástica é uma tendência não só no grupo das mulheres, mas principalmente no grupo de homens “poderosos”, cujo poder sobre si, só é possível pela sua “jovialidade”. Cuidar da conservação da juventude, aqui, já não é mais um caso isolado de estética, mas agora, adentra nos contextos de reafirmação dos sujeitos sobre as políticas do “si para consigo” (FOUCAULT, 2014) e da necessidade de enfrentar o avançar da idade como choque de forças entre homem e natureza. Ser jovem é ter poder, é ter força de comandar, e conservar o respeito pelas virtudes que lhe são atribuídas, já que nem mesmo o tempo, em sua magnitude, pode lhe vencer.

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *tchne tou biou* sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a prática. (FOUCAULT, 2014, p. 56).

Entretanto, o processo pelo qual o ex-ditador foi submetido, foi empreendido pelos métodos da doutora romena Anna Aslan (78 anos), referência na época em tratamento e combate ao envelhecimento, em que os seus pacientes eram submetidos a uma série de exames e depois, passavam a ser utilizado o uso do Gerovital H-3, um medicamento a base de procaína, desenvolvido pela própria Doutora, como ela mesmo explica, em uma entrevista na Argentina em 25 de novembro de 1973, quando questionada sobre o uso excessivo do medicamento em seus pacientes:

Trata-se de um erro de interpretação infelizmente muito difundido, pelo que vejo. Eu não receito Gerovital a todo mundo. Na minha clínica, antes de dar Gerovital fazemos cerca de 60 exames, incluindo análises e radiografias. Feita a avaliação do estado do paciente, o Gerovital é então aplicado de maneira específica e particular para cada caso, como se fosse um remédio diferente para cada paciente, embora o produto inicial seja o mesmo. (ASLAN, A. In: JORNAL DO BRASIL, 25 de novembro de 1973).

Um tratamento indolor, em que além de ser realizado longe dos holofotes, como pretendeu Peron, ainda devolve o ânimo e a sensação de jovialidade, como descreve a própria Doutora:

A função do Gerovital é definida em seu título: dar vida aos velhos. Não tem o poder de prolongar indefinidamente a existência humana e sim o de fazer com que as pessoas permaneçam ativas por mais tempo. Se o tratamento foi iniciado a tempo, pode-se dar ao paciente uns 15 anos de vida ativa e saudável, isto é, uma pessoa de 75 anos poderá ter o físico de uma de 60 anos. (ASLAN. A. In: JORNAL DO BRASIL, 08 de fevereiro de 1973)

Por sua vez, o Jornal descreve a reação dos indivíduos ligados a Peron após o seu tratamento. O objetivo, é mostrar a surpresa com que os sujeitos ligados a Peron tiveram ao reencontrar o seu ex-presidente, bem mais jovem do que da última vez que o vira. Isto possibilita o reforço no discurso de que a velhice pode ser prevenida e combatida, e que já não há mais desculpas para não fazer:

"[...]depois de submeter Juan Domingo Peron a um exame médico completo, o médico espanhol Joaquim Puigvert considerou assombroso o estado de saúde do ex-Presidente argentino, "que aos 77 anos parece homem de 60." "Consegui comprovar o rejuvenescimento", afirmou o Dr. Puigvert, "ao comparar suas radiografias atuais com outras efetuadas há cinco anos, sem que se observe a menor diferença entre elas." (JORNAL DO BRASIL. 09 de junho de 1973).

O foco, é manter a sensação da magnificência do tratamento e consolidar a busca pela "fonte da juventude" tão procurada por séculos. O Gerovital, por sua vez, nos faz lembrar do deus Saturno, que na cultura da Roma Antiga, é obrigado a vomitar os seus filhos, após ingerir um medicamento ministrado pela deusa Métis, esposa de Júpiter e sua nora²⁴. O Gerovital, porém, é apresentado, tanto pelo Jornal, quanto pela própria doutora, com esta característica: "dar vida ao velho", vomitá-lo novamente para o convívio social, tirar do sepulcro um corpo mascado pelo tempo. O Gerovital agora tem a benção de Métis, tendo o poder de agir sobre o tempo e as suas consequências. E será esse discurso que fará com que os indivíduos atravessem o oceano em busca do milagroso tratamento.

Em 30 de Agosto de 1973, foi dado a largada para a primeira excursão a clínica da Doutora Aslan em Bucareste, na Romênia. A busca pela juventude agora é algo restrito à uma determinada classe, cujas condições de pagar pelo tratamento é possibilitado: apenas com hospedagem, lazer e passagem. O custo médio a ser desembolsado pelo paciente, em uma estadia na Romênia por 14 dias é de "Cr\$ 10.000 (dez mil cruzeiros novos)". Isto sem incluir "o tratamento na clínica", dado a

²⁴ Sobre a cultura romana é interessante a leitura: BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia: Histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

partir do “orçamento prévio feito nas clínicas e hotéis em que o tratamento está disponível”. (JORNAL DO BRASIL. 28 de junho de 1973).

Essa excussão em busca de tratamento estético demonstra um outro aspecto que não pode passar despercebido, embora requeira uma análise mais aprofundada em outro momento, é a questão socioeconômica dos indivíduos. Entretanto, ficamos com a seguinte análise: O valor, a localidade, os custos com o tratamento, a necessidade de sair para fora do país em busca de novos mecanismos de combate ao envelhecimento, resulta em uma morte lenta do corpo envelhecido, provocada pelos envenenamentos discursivos implícitos nas matérias de *Jornal do Brasil* e, denuncia a separação entre “velhos” e “rejuvenescidos” na sociedade, que passa, portanto, a existir. Em outras palavras, embora haja um discurso que tente educar os corpos para se adequarem ao novo padrão de corpo que se estabelece na sociedade e estimular o consumo de tratamentos estéticos, o acesso, pelos indivíduos pobres, a essa tecnologia é demasiado limitada.

O corpo envelhecido do operário, ou a sua representação, mostrará a negação da velhice, pois ele recebe todo o impacto de “como deve ser o corpo”, através da TV e das revistas que consome, não tendo, como os mais ricos, poder aquisitivo para comprar tudo aquilo que é anunciado para manter o “corpo padronizado” que a propaganda lhe impõe. (BARRETO, 1992, p. 28)

Os discursos, decretam, porém, não só uma morte biológica, mas como também, social, política, e econômica dos indivíduos que não tem condições de terem acesso a esse tratamento. Sendo assim, os indivíduos que não possuem condições de acompanhar e ter acesso aos avanços tecnológicos da indústria da estética, passam a viver sob o regime do “deixar morrer”²⁵, ao mesmo tempo em que são ofertados os mecanismos para que os indivíduos possam “viver”. E esse desejo de viver torna-se a poder, e quem “exerce” o poder passa a ditar as novas configurações que devem ser seguidas, eliminando de forma indireta e silenciosa os subjugados as novas formas, pois, “eliminar um sujeito não requer exterminá-lo, basta destituir-lhe de poder” (PEREIRA, 2017, p. 113), e este poder já não pertence

²⁵ Conceito elaborado por Michel Foucault e apresentado em curso ministrado no Collège de France entre 1970 e 1984. Contudo, este conceito do “deixar viver e fazer morrer”, é explicado mais detalhadamente em sua obra “Em defesa da sociedade”, aula ministrada em 1976, em que o pesquisador e autor detalha as formas de poder que se exercem sobre os indivíduos, analisando os conflitos que permearam o mundo ocidental (europeu) entre os séculos XVI a XIX.

mais ao indivíduo que envelhece, mas é conquistado com muito esforço, pelo indivíduo que quer rejuvenescer.

*Desde a época dos Vice-Reis, os velhos desvalidados vêm parar nas enfermarias de indigentes, no xadrez ou na sarjeta. Os albergues e os asilos, por viverem permanentemente lotados, não dispõem de vagas para tantos quantos deles necessitam, daí terem essas casas pouca influência na problemática da velhice, desamparada, desvalida ou *invalida*, com tonicidade da penúltima sílaba. Não será essa velhice válida, não assistida, não querida, não amada e não prezada manifestação de uma *inferioridade biológica e cultural* e também a base e o substrato de sua *inferioridade econômica*? (FILIZZOLA, 1972, p. 195).*

Percebemos, enfim, que há um movimento sendo empreendido no âmbito social nestes primeiros quatro anos da década de 1970. Esse movimento pode ser caracterizado da seguinte forma: há um crescimento demográfico do envelhecimento crescente que passa a preocupar os poderes quanto a questões econômicas e sociais²⁶ do país em relação aos velhos; que dado a esta primeira problemática começa-se a investir no discurso do autocontrole dos indivíduos sobre os seus corpos em relação ao seu envelhecimento²⁷; começa-se a abrir espaços, antes negados pela mídia, a Geriatria e a Gerontologia com o intuito de estimular nos indivíduos a manutenção da boa forma, a conservação do corpo e a prevenção ao envelhecimento; A mídia passa a ser encarregada em difundir discursos que penalizem os corpos velhos, mas que valorizem os corpos conservados e rejuvenescidos; a indústria e as clínicas estéticas passam a oferecer tecnologias, metodologias, receitas e produtos que possibilitem os sujeitos de prevenirem e combaterem o envelhecimento, conservarem a juventude, e possibilitar e manter a manutenção do rejuvenescimento do corpo, criando assim, um novo tipo de corpo na sociedade que transpassa os aspectos econômicos, sociais, culturais e principalmente estético dos indivíduos: o corpo burguês.

O corpo burguês é bonito, bem cuidado, recebe todo tipo de cuidado, tanto mais quanto mais próxima a velhice. [...] o corpo burguês é "produzido", termo que já passou à gíria entre os jovens dessa classe. Beleza é o seu valor máximo, o corpo é a aparência do corpo. (BARRETO, 1992, p. 26)

Podemos considerar então, que este "corpo burguês" só foi possível devido aos discursos promovidos pelas/nas mídias, principalmente, induzidas pelos

²⁶ Para este assunto é recomendável uma leitura atenta das obras: "Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social", Maria Leticia Barreto [1992]; e "A invenção Social da Velhice", Dirceu Nogueira Magalhães [1987].

²⁷ A esse respeito faz-se necessário uma leitura atenta da obra: "A reinvenção da velhice", Guita Grin Debert [1999], e da obra: "História da sexualidade 3: o cuidado de si", Michel Foucault [1984]

discursos etaristas, em que ao mesmo tempo que se penaliza o corpo envelhecido, se valoriza o rejuvenescido. E é este tipo de corpo que cobrará criações de espaços adequados que possam abrigá-lo, garantindo o seu lazer, o seu bem-estar e a garantia dos *status* adquiridos ao longo da vida.

Ao corpo velho, cabe ainda apelar para as boas-venturanças ofertadas pelos sujeitos mais jovens, responsabilidade agora, em parte, a família que se obriga a cuidar destes indivíduos que não obtém o êxito ou o acesso as tecnologias do rejuvenescimento, e em outra, aos indivíduos que se entregam a cuidar desses indivíduos velhos, em asilos, hospitais ou casas de caridade, espaços criados para abrigarem os corpos “deformados” e “insepultos” – aqui lido como “*monstrificados*”- , que devem ser retirados dos espaços de convívio dos novos modelos de corpos “humanizados”, (BARRETO, 1992), cortejados nos espaços sociais, a grossa comparação.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver deste trabalho, aos poucos percebemos que a década de 1970, em seus anos iniciais, preparou o terreno para o surgimento de um novo sujeito, atrelado à busca pela “juventude”, “saúde” e “beleza” e, que a partir daí, passou-se a ser lançado sobre o corpo envelhecido, novos contextos e novas indagações, que exigiu uma mudança no comportamento dos indivíduos em relação aos cuidados com os seus corpos.

Neste trabalho, pudemos compreender que os discursos que foram direcionados sobre o corpo permitiram a construção de uma consciência que já não possibilitava mais a aceitação de um corpo em seu estado de decrepitude, principalmente quando já se tem tecnologias disponíveis para a conservação e a manutenção dos corpos jovens, vigorosos e saudáveis.

Compreendemos, também que os discursos que foram difundidos pelo Jornal do Brasil, possivelmente inauguram uma “nova era” na composição social brasileira, já que os indivíduos deixaram de atender a determinadas normas disciplinares, como as impostas pelas políticas médicas nas primeiras décadas do

século XX, passando a serem regidos sobre as normas da “cultura do cuidado de si” e da vigilância constante em relação aos seus próprios corpos.

No mais, a ideia que se segue a partir da segunda metade do século XX, na sociedade brasileira, é fazer com que os indivíduos percam a essência passiva em relação a si mesmo, quando o tema é a velhice, e passem a uma condição em que o seu bem-estar nesta fase de vida, só depende da sua vontade individual, dado aos cuidados exigidos e amplamente difundidos pelos discursos médicos-estéticos e midiáticos como vimos em algumas reportagens do periódico “Jornal do Brasil”, nos anos iniciais da década de 1970.

Por outro lado, coube-nos adentrar também nas formas como o corpo era retratado e, como podemos relacionar essa construção histórica para pensarmos o nosso tempo. Isto, atenta para vermos que hoje, mesmo com todo aparato legal instituído pelo “Estatuto do idoso” (2003), durante o primeiro ano do governo Luís Inácio Lula da Silva, as formas como nos referimos e enxergamos os sujeitos “velhos” continuam excludentes e arreigados de preconceitos contra estes indivíduos.

O corpo velho, com rugas, cabelos brancos, debilitado nos é estranho, tanto quanto as formas dos “monstros” que acompanhamos nas TVs, cinemas, revistas e outros produtos que consumimos diariamente, alimentando os preconceitos em relação não só ao estranho, mas inviabilizando qualquer necessidade de contextualizar as formas de tratamento e atenção que temos dado aos sujeitos que não conseguem chegar aos sessenta anos, conservados, ativos e belos.

Contudo, mais que políticas públicas, universidades abertas a maturidade, clubes de lazer e academias destinadas a esse público, é necessário que se problematize os aspectos culturais e sociais em que esses indivíduos estão inseridos, combatendo o etarismo ainda pulsante e excludente em relação ao sujeito velho, fazendo-o não se sentir penalizado por possuir um corpo envelhecido.

REFERÊNCIAS

a) Fontes

JORNAL DO BRASIL, HEMERÓTECA DIGITAL/BIBLIOTECA NACIONAL;
<<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>>, acessado entre agosto de 2017 e maio de 2018.

1970

._____. AMARAL, Fred. É bom dosar o sol de cada dia. **O Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 de Jan. 1970. Mulher, p.5.

._____. BARROS, Teresa. "Tenho 40 anos: e agora?", **Jornal do Brasil**. Rio de Jan, 31 de Janeiro de 1970. Caderno 6, Mulher, p. 2.

._____. CARVALHO, Dr^a Dóris Mello. Um rosto nôvo: a plástica que todos querem. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15- 16 de jan, 1970, Revista de Domingo, Conselho Médico JB, p. 2.

._____. Departamento de Pesquisa. A Nova Ciência: Os olhos envelhecem. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 de Fev. 1970. Caderno 6, Jornal do Futuro, p. 4.

._____. JORNAL DO BRASIL. Comissão trabalha em silêncio e recupera o futebol italiano. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 e 26 de Jan. 1970. 1º Caderno/Copa do Mundo. p. 31.

._____. JORNAL DO BRASIL. Era uma vez uma estrêla. **Jornal do Brasil**, Rio de Jan. 15-16 de março de 1970.

._____. REINHOLD, Robert. Abaixo os mitos do sexo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 e 11 de Maio de 1970. Conselho Médico, p. 4.

._____. STERBLITCH, Georges. Os hormônios: um elixir milagroso?. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 e 8 de Jun. de 1970, Conselho Médico in: Revista de Domingo, p. 6.

1971

._____. JORNAL DO BRASIL. **Calorias na Velhice**. Rio de Janeiro, 14 e 15 de novembro de 1971, Revista de domingo, p. 6.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Um parêntese no frio**. Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1971, Caderno B, p. 4.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Reunião de geriatras no Sul verá causas da baixa média de vida na América Latina.** Rio de Janeiro, 21 de maio de 1971, 1º Caderno, Nacional, p. 15.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Geriatría vê rebelião dos velhos.** Rio de Janeiro, 25 de maio de 1971, 1º Caderno, Saúde, p. 19.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Internação para pessoas idosas.** Rio de Janeiro, 28 de abril de 1971, imóveis-aluguel-utilidades, Classificados, p. 4.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Russos descobrem remédio capaz de evitar a velhice.** Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1971, 1º Caderno, Internacional, p.2.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Recreação geriátrica.** Rio de Janeiro, 25 e 26 de abril de 1971, 3º caderno, Oportunidade e emprego, Classificados, p. 10.

1972

. _____. BARRETO, José Evangelista. **Gerontologia.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 04 de dezembro de 1972, Cartas dos leitores, S/P.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Geriatra diz que desamparo em que vivem os velhos é uma vergonha para o Brasil.** Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1972, 1º Caderno, Nacional, p. 16.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **Presidente da Sociedade de Geriatria acha suicídio de velhos um problema grave.** Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1972, 1º Caderno, Comportamento, p. 44.

. _____. JORNAL DO BRASIL. **São Paulo estudará a velhice.** Rio de Janeiro, 08 de outubro de 1972, 1º Caderno, p. 27.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Médico afirma que ciência já pode ajudar o homem a envelhecer mais lentamente.** Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1972, 1º Caderno, Saúde, p. 15.

._____. JORNAL DO BRASIL. **VELHICE DESPROTEGIDA PODE TER DIREITO A PENSÃO.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19 de agosto de 1974, 1º Caderno, Nacional, p. 7.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Vitamina B – fim da senilidade.** Rio de Janeiro, 25 e 26 de junho de 1972, Revista de Domingo, p. 4.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Anciãos vão comemorar o seu dia e serão levados a passeio pela Guanabara.** Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1972, 1º Caderno, *Comportamento*, p – 15.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Tuffik Mattar.** Rio de Janeiro, 31 de julho de 1972, 1º Caderno, Gente, p. 7.

._____. ROCHA, Milton. F. da; MARTINS, Edilson. **Velhice:** um capital sem mercado. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1972, caderno B, S/P.

1973

._____. PIRES, Olavo de Sá. **Defesa dos velhos.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 29 de novembro de 1973, Cartas dos Leitores, S/P.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Aposentados e pensionistas repudiam a contribuição para a Previdência Social.** Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1973, 1º Caderno, p. 3.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Médicos debatem forma de proteger a velhice.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 04 de novembro de 1973, 1º Caderno, Saúde, p. 22.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Geriatra inglês acha impossível a imortalidade.**
Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06 de novembro de 1973, 1º Caderno, Saúde, p. 25.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Idade.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 08 de junho de 1973, Caderno B, S/P.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Velhice: um processo a ser detido.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 08 de novembro de 1973, Caderno B, p. 4.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Peron rejuvenescido assombra médico.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 09 de junho de 1973, 1º Caderno, Internacional, p. 9.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Velhice: sete ângulos de um só problema.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 09 de novembro de 1973, Caderno B, p. 5.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Chagas inaugura o primeiro hospital para velhos com 291 leitos.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 18 de novembro de 1973, 1º Caderno, Cidade, p. 11.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Dom Vicente considera que velhos formam nova classe e sugere o Dia da Velhice.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 20 de março de 1973, 1º Caderno, política e Governo, p. 4.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Dra. Aslan chega para quinze dias de Brasil.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25 de novembro de 1973, 1º Caderno, Saúde, p. 34.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Agência já faz excursão à clínica da Dra. Ana.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28 de junho de 1973, p. 2.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Romênia constrói centro geriátrico de 500 leitos.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28 de novembro de 1973, 1º Caderno, Cidade, p. 19.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Excursão leva até Bucareste quem quer rejuvenescer**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 30 de agosto de 1973, p. 4.

._____. JORNAL DO BRASIL, **Peron falta a consulta na clínica de rejuvenescimento**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 08 de fevereiro de 1973, 1º caderno, Internacional, p. 11.

._____. JORNAL DO BRASIL. **A plástica do homem, uma cirurgia na vaidade**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21 de janeiro de 1973, Revista de Domingo, p. 2.

1974

._____. JORNAL DO BRASIL. **Geriatría: O homem maduro aos 100**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06 de fevereiro de 1974, Caderno B, p. 9.

._____. JORNAL DO BRASIL. **Geriatría: a luta pela saúde aos 80 anos**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 09 de maio de 1974, Caderno B, p. 4.

._____. PIRES, Olavo de Sá. **O vernáculo nas novelas**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25 de março de 1974, Cartas dos Leitores, S/P.

b) Bibliografias

ARAÚJO. E. M. N. de. **“Espelho meu, agora a mais bela sou eu”**: cartografias da história da beleza no Brasil. (tese de doutorado). UFPE: 2008. p. 188-236.

ARAÚJO. E. M. N. de. Mutações do corpo e da beleza no final do século XX. In: _____ **“Espelho meu, agora a mais bela sou eu”**: cartografias da história da beleza no Brasil. (tese de doutorado). UFPE: 2008. p. 188-236.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARRETO, Maria Leticia Barreto. **Admirável mundo velho**: velhice, fantasia e realidade social. São Paulo: Ática, 1992.

BARROS, M. M. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PACHECO, J, Z. *Et all.* (Orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro, RJ: NAU, 2004. p. 39-56.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 30. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Estatuto do idoso e normas corretas**. Brasília-DF: Congresso Nacional, 2003. 66p.

BRENTON, L. D. **Sociologia do Corpo**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2006.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia: Histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

CHARTIER. Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. *et all.* **História do corpo vol 3: As mutações do Olhar. O Século XX**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

COURTINE, J-J. O Corpo Anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: _____. **História do Corpo: As mutações do olhar. Século XX**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. P. 253-340.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de Reprivatização da velhice.** São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004 [1999].

DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs). **História do Corpo no Brasil.** São Paulo: Unesp, 2011. p 427- 452.

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001[1982].

FILIZZOLA MÁRIO. **A velhice no Brasil: etarismo e civilização.** Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A Cultura de Si.** In: _____. História da sexualidade 3: O cuidado de si. 7º ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 43-74.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade.** Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIATTI, L; BARRETO, S. M. **Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil.** Cad. Saúde Pública. June, 2003, vol. 19, n. 3, p. 759- 775.

HOBBSBAWN, E. **A era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991.** 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.

LEÃO, I. S; EULÁLIO, M. C. **A MEMÓRIA E A QUALIDADE DE VIDA EM PESSOAS IDOSAS.** (Monografia/graduação em Psicologia). Campina Grande: UEPB/DP, 2008. 65p.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice.** Rio de Janeiro: SESC, 1987.

MINAYO, M. C. Visão antropológica do envelhecimento. In: (Vários colaboradores- Orgs.). **Velhices: Reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC/PUC, 2007, V. 1, p. 47-60.

MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da medicina**. In: COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. et al. *História do corpo vol 3: As mutações do Olhar. O Século XX*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

MORAES, A. O Corpo no Tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M; AMANTINO, M. (Orgs). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011. p 427- 452.

MASCARO, S. A. **"O Que é Velhice"**. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. Coleção Primeiros Passos.

MORAES, M. L. G. (1977). **A Sala de espera: um estudo sobre a ideologia do velho asilado**. Dissertação de mestrado. PPGAS/UnB.

PEREIRA, Ana Alice da Silva. **Discursos acerca do corpo e a percepção de si no romance *memórias das minhas putas tristes***. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Uberlândia, MG: UFU/PPGP, 2017. 127p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, S. J.

Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne]. Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulté le 12 juin 2016. Disponível em <<URL: <http://nuevomundo.revues.org/229>>>, acessado em 11 de junho de 2016.

ROSEN, George. **Da polícia Médica à Medicina Social: Lutas urbanas e controle Sanitários- origens das políticas de saúde no Brasil.** Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1985. 121p.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** 3ª Ed. São Paulo: Liberdade, 2001.

SARGENTINI, V; NAVARRO, B. Pedro. (Orgs.) **Foucault e os domínios da linguagem: discursos, poder, subjetividade.** São Carlos: Claraluz, 2004.

AGRA DO Ó, A. **Velhices imaginadas: memória e envelhecimento no Nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945).** Recife, 2008. Disponível em <<http://repositorio.ufpe.br:8080/bitstream/handle/123456789/7216/arquivo3293_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>, acesso em 03 de Abril de 2017.